

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 116 / ABRIL, 1998 / Nº 2.029

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL: feb@febrasil.org.br

Editorial - Imprensa Espírita	2
O Consolador - Juvanir Borges de Souza	3
Buracos Negros - Hernani T. Sant'Anna	6
Herdeiros da Própria Casa - Carlos Augusto Abranches	7
"O Livro dos Espíritos" - Vianna de Carvalho	9
O Livro - Passos Lírio	11
Irmãos em Trevas - Washington Borges de Souza	12
Separação do Joio e do Trigo - Inaldo Lacerda Lima	15
Idéias Pessoais no Movimento Espírita - Umberto Ferreira	18
Medo da Morte - Geraldo Goulart	19
Hora Extrema - Auta de Souza.....	23
Esflorando o Evangelho - O "Mas" e os Discípulos - Emmanuel.....	24
As Paixões: Uma Breve Análise Filosófica e Espírita - Silvio Seno Chibeni	25
Reencarnação - Gebaldo José de Souza	37
Preparação de Trabalhadores para as Atividades Espíritas	39
FEB-USE: Parceria na Bienal do Livro	40
Exame das Comunicações Mediúnicas que Nos Enviam - Allan Kardec.....	41
FEB - CFN - Comissões Regionais	44
FEB - Departamento de Infância e Juventude - Currículo Para a Escola de Evangelização Espírita Infante-Juvenil IV.....	45
REFORMADOR no Centro Espírita	48
A FEB e o Esperanto - Centenário de um Movimento Esperantista - Affonso Soares	49
Novos Cursos de Esperanto na FEB - Rio de Janeiro	51
FEB Moderniza Parque Gráfico	52
SEARA ESPÍRITA	53

NOTA: Belo desenho em cores do busto de Allan Kardec calcado sobre original em preto e branco. O desenho, adquirido em Paris, por ocasião da reunião do Conselho Espírita Internacional (CEI) em outubro de 97, não contém o nome do artista.

EDITORIAL

Imprensa Espírita

Ao publicar, em 1º de janeiro de 1858, o primeiro número da **Revue Spirite**, Allan Kardec estabeleceu as bases e diretrizes da imprensa espírita, compromissada com os princípios da Doutrina do Consolador.

Outros periódicos já existiam na ocasião. Somente nos Estados Unidos - país onde surgiu o pioneiro **Spiritual Telegraph**, em 8 de maio de 1852 -, contavam-se dezessete jornais consagrados ao assunto, enquanto na Europa havia o **Journal de l'Âme**, editado em Genebra, Suíça. A linha editorial dessas publicações era voltada, praticamente, para a divulgação do **Neo-Espiritualismo** americano e da fenomenologia que lhe deu origem.

A **Revue Spirite** inaugura uma nova fase: não descarta dos fenômenos, mas, submete-os ao crivo da Ciência Espírita; interpreta-os à luz da Doutrina dos Espíritos e daí tira as conseqüências práticas de ordem moral e religiosa.

Na **Introdução** que escreve para seu primeiro número, Kardec fixa normas de conduta editorial que, ainda hoje, servem de roteiro seguro para a imprensa espírita que queira efetivamente cumprir o seu papel. Dentre elas, destacamos:

"Nossa Revista será, assim, uma tribuna, na qual, entretanto, a **discussão jamais deverá afastar-se das normas das mais estritas conveniências. Numa palavra, discutiremos, mas não disputaremos.** As inconveniências de linguagem jamais foram boas razões aos olhos da gente sensata; é a arma daqueles que as não possuem e que, com freqüência, se volta contra quem a maneja." (Grifamos.)

Decorridos 140 anos do surgimento da **Revue Spirite**, que a partir de 1913 tomara o nome de **La Revue Spirite**, observamos a extraordinária expansão da imprensa espírita, que hoje conta centenas de jornais, revistas e boletins em todo o território brasileiro e em países das Américas, da Europa e da Ásia. São periódicos independentes ou mantidos por Instituições Espíritas, voltados para a divulgação do Espiritismo com maior ou menor fidelidade aos princípios da Codificação Kardequiana.

Seguir as diretrizes e normas editoriais traçadas por Kardec é a melhor homenagem que a imprensa espírita pode prestar à veneranda e centenária **Revue Spirite**.

O Consolador

Juvanir Borges de Souza

Seria grande erro supor que a Mensagem do Cristo de Deus terminara com sua passagem pela Terra.

O Mestre não se limitou a deixar à Humanidade seu Evangelho que ilumina os caminhos humanos.

Sabia Ele que as imperfeições e rebeldias dos homens não seriam removidas somente com seu serviço ativo e com a dedicação dos primeiros discípulos e seguidores, a trabalhar nos corações e nas mentes.

Ele mesmo declarou que não viera para ensinar tudo aos homens, que não possuíam ainda as condições necessárias ao entendimento de lições que transcendiam à compreensão de então.

O caminho que indicou foi o do amor, o do esforço individual, o do sacrifício em prol da elevação moral de cada um.

Ficaria para o futuro a complementação da Boa Nova.

São palavras do Mestre incomparável:

"Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar."

E acrescenta:

"Se me amais, guardai os meus mandamentos - e eu pedirei ao meu Pai e ele vos enviará outro Consolador a fim de que fique eternamente convosco: - o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós, porém, o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós - mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e fará vos lembreis de tudo o que vos tenho dito." (João, 14:15-17 e 26).

O que as palavras de Jesus, registradas pelo evangelista, deixam muito claro é que Ele não ensinara tudo a seus discípulos, pela simples razão de que não podiam, não tinham condições de compreender o que estivesse acima de sua capacidade de entendimento.

Torna-se evidente, na passagem evangélica, confirmada pelos fatos, que o Mestre não esgotou seus ensinamentos naquele pequeno período de vivência entre os homens.

Ao contrário, tornou claro que sua Mensagem se desdobraria em etapas: o Consolador prometido complementaria suas lições de há dois mil anos, e lembraria tudo o que fosse esquecido ou desvirtuado, restabelecendo as verdades ensinadas.

As religiões tradicionais que se baseiam nos Evangelhos, ao lado dos muitos desvios interpretativos, cometeram o grave erro de considerar os ensinamentos de Jesus como completos e definitivos, em contraposição às próprias palavras do Mestre.

Esqueceram do papel importantíssimo do Consolador, que viria futuramente, mas que dependeria dos desígnios do Alto, para complementar a grande Mensagem.

Com esse posicionamento as igrejas denominadas cristãs tornaram imutáveis e estratificadas suas Doutrinas. Decorridos os séculos, essas doutrinas foram se desvirtuando não só diante da verdadeira Mensagem Crística, mal interpretada em muitas de suas passagens, mas também perante os conhecimentos novos trazidos pelas Ciências. Apenas os ensinamentos morais do Cristo permaneceram incólumes.

A reconsideração da Igreja Romana quanto ao tristíssimo Tribunal do Santo Ofício, no tocante à Inquisição, nos episódios que envolveram muitos sábios e escritores como Galileu Galilei e Charles Darwin, Giordano Bruno e Dante, Descartes e Diderot, Erasmo e Fénelon, João Huss e Lutero, Montesquieu, Pascal, Rousseau, Voltaire e muitos outros são alguns dos muitos enganos em que incorreu a milenar instituição, que se tornaram insuportáveis por ela mesma.

Para os estudiosos e seguidores do Espiritismo não há dificuldade de compreensão da promessa do Cristo, já que os acontecimentos mostraram claramente que a Doutrina dos Espíritos é o próprio Consolador prometido.

Eis alguns sinais que confirmam não a presunção, mas a certeza da vinda do Consolador com a Terceira Revelação ("A Gênese" - A. Kardec - Cap. XVII):

- Desde a vinda do Cristo até meados do século XIX, nenhuma outra revelação significativa apareceu no mundo que tenha completado os Evangelhos e elucidado suas passagens obscuras.

- Com "O Livro dos Espíritos" (1857) e as demais obras da Codificação corporificou-se a Doutrina Espírita, a Terceira Revelação.

- A Nova Revelação, obra coletiva, caracterizando o "Espírito Santo" - os Espíritos do Senhor - tem à sua frente o Espírito de Verdade.

- Toda a Nova Revelação se ocupa do Evangelho de Jesus, interpretando-o em espírito e não somente na letra.

- Coisas novas são anunciadas pelos Espíritos reveladores, especialmente no que concerne à Vida Espiritual e ao Mundo Invisível.

- A Nova Revelação está destinada a ficar eternamente com os habitantes deste Planeta, o que corresponde à promessa do Cristo.

- A Doutrina dos Espíritos, além de toda a parte moral da Doutrina do Cristo, é profundamente **consoladora**, inspirada pelo Espírito de Verdade, representando o Cristo.

- O Espiritismo, doutrina não individual, mas extremamente abrangente, é o resultado do ensino coletivo de muitos Espíritos, orientados pelo Espírito de Verdade.

- O Espiritismo, o Consolador, teve precursores, preparadores de seu advento.

Pela sua força moralizadora já está preparando o advento da Era da Regeneração.

Quanto ao fenômeno do dia de Pentecostes, que muitos entendem como sendo a manifestação do Espírito Santo e a vinda do Consolador, pode-se entender que as aptidões mediúnicas de muitos dos discípulos foram desenvolvidas pelos Espíritos, auxiliando-lhes as futuras tarefas e missões.

Entretanto, o fenômeno nada acrescentou aos ensinamentos de Jesus, não trazendo conhecimentos novos e nem aclarando o que se achava obscuro.

Por isso, o Pentecostes não se pode confundir com o **Consolador**, cujas características o Mestre enunciou com precisão, e só se corporificaria com um mínimo de progresso geral do mundo, com o avanço espetacular das ciências; a partir dos últimos séculos, e com o triunfo da liberdade, contra as imposições dogmáticas dos poderes absolutistas dos governos e das religiões.

De outro lado, afirmando aos apóstolos que o Consolador **vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito**, Jesus proclama a doutrina da reencarnação, já que aqueles a quem se dirigia só poderiam aproveitar dos novos ensinamentos no futuro indefinido, naturalmente em outras vidas.

E a doutrina da reencarnação, tal como a apresenta a Doutrina Espírita, de suma importância para a compreensão das leis divinas do Amor e da Justiça, não poderia ser compreendida, em toda a sua abrangência, senão com o advento do Consolador prometido, que já está no mundo.

O caráter consolador da Doutrina dos Espíritos manifesta-se a todos os sofredores do mundo, mostrando-lhes a causa dos sofrimentos e dores, que reside na ignorância, na maldade e nos transvios dos próprios homens com relação às leis naturais, ou divinas.

A Doutrina mostra a justiça dos sofrimentos sem esquecer a consolação da busca da felicidade na vida presente ou futura.

Ela é inspiradora da fé viva e racional e da esperança, por pior que seja a situação individual. Afasta as dúvidas cruéis, decorrentes da descrença materialista e das crenças infundadas no inferno dos sofrimentos eternos.

- II -

Buracos Negros

Hernani T. Sant'Anna

Uma das mais belas e instigantes teorias atualmente estudadas pelos mais eminentes cosmólogos do mundo é a dos buracos negros, que parecem gigantescas gargantas invisíveis abertas no espaço, que engolem, incessante e irresistivelmente, toda e qualquer matéria que seu enorme poder de atração consegue sugar, até mesmo a luz.

Para onde iria essa imensa quantidade de matéria cósmica que escoaria por esses funis sem fim, como a água que vemos escoar vertiginosamente numa pia comum? Embora também sobre isso nada se saiba ainda de concreto, nossos cientistas examinam hipóteses plausíveis. O celebrado Carl Sagan acreditava que os buracos negros seriam o que chamou de "metrôcos cósmicos", ou seja: vias de comunicação entre diferentes universos, para os quais a matéria escoada seria transferida. Outros, porém, admitem que tal matéria voltaria ao nosso próprio universo, mas em espaço e tempo inteiramente diversos dos que conhecemos.

Verificamos, assim, que a nossa ciência já caminha a passos largos e firmes para a confirmação definitiva de importantes temáticas do Espiritismo Cristão, como as muitas moradas da Casa do Pai, a multiplicidade dos universos na Criação Infinita, e a coexistência de diferentes planos de vida no espaço e no tempo.

- II -

Herdeiros da Própria Casa

Carlos Augusto Abranches

A verdade alerta permanentemente as criaturas: destruam as árvores e poluam os mares e rios e todos terão dificuldades em respirar. O alarme já soou mais de uma vez: cuidado com a camada de ozônio e as emissões de gases poluentes, para que o pior não aconteça depois, refletido na pele e no organismo humano, com o efeito danoso do câncer.

A todo momento, causas geram efeitos, atitudes movimentam reações, que se não chegam imediatamente, em algum instante mais à frente vão desencadear os processos a que estão vinculadas. Se danosas, provocam sofrimentos e resgates dolorosos, se positivas, propiciam libertação e perspectivas de crescimento definitivo.

A grande lição, porém, é clara e inquestionável: o homem torna-se obrigado a conviver com o resultado das próprias obras, sentindo-lhe os efeitos na intimidade. Se o seu desejo foi satisfazer a gula, alimentando-se pesadamente na hora do almoço, possivelmente à noite o fígado vai denunciar o abuso, causando-lhe tremendo mal-estar. Se a noitada foi repleta de agitações e bebidas pesadas, o dia seguinte não vai nem ligar para os reclamos da ressaca e da sensação desconfortável de desarranjo geral pelo corpo. Vai agir, movida pelo efeito natural desencadeado pelos excessos.

Vivemos em várias casas ao mesmo tempo, o Universo é a maior delas, a abarcar também todos os outros seres da Criação; o planeta Terra, que nos recebe como morada particular, cheia de recursos naturais que garantem a sobrevivência; o corpo, a reunir milhares de quilômetros de condutos vitais, que nos sustentam a encarnação.

Cada um deles solicita o melhor investimento da carga de energias com que fomos dotados. E é nossa a responsabilidade de bem usar esse patrimônio divino.

As conseqüências do esquecimento de semelhante dever podem ser notadas nos mais singelos ensinamentos da vida, tal como demonstra o Espírito Meimei, no livro "Evangelho em Casa" (Ed. FEB), sob o título "O Dever Esquecido".

Ela conta que certo rei muito poderoso precisou fazer longa viagem, e resolveu deixar valiosa fortuna com o filho, para que ele levantasse grande casa, tão bela quanto possível. Para isso, o tesouro que lhe ficava nas mãos era suficiente.

Acontece que o jovem, envolvido com os prazeres do mundo e de forma muito egoísta, arquitetou o plano de ludibriar o próprio pai, a fim de gozar as delícias que fossem possíveis.

Para tanto, resolveu comprar materiais inferiores. Onde lhe cabia empregar metais raros, utilizou o latão; no lugar do mármore precioso, pôs madeira barata e nos setores de serviço, em que era preciso usar pedra sólida, aplicou terra batida... Óbvio que sobrou muito dinheiro para o gasto com as festas e os excessos fáceis.

Quando o monarca retornou, surpreendeu-se vendo o filho abatido e cansado, a apresentar-lhe uma cabana esburacada, ao invés de uma casa nobre.

Diante do que encontrou, o rei acabou por oferecer-lhe a chave do pequeno casebre e disse-lhe, de forma bondosa e imperturbável:

- A casa que mandei edificar é para você mesmo, meu filho... Não me parece a residência sonhada por seu pai, mas devo estar satisfeito com a que você próprio escolheu...

A página ainda sugere que apreciemos a lição do cumprimento dos nossos deveres. Pede que comparemos o soberano a Deus, Nosso Pai, e o príncipe da história a nós próprios.

A fortuna para construirmos a moradia da alma é a vida que Deus nos empresta. Muitos, no entanto, quase sempre gastam o tesouro da existência em caprichosa ilusão, despertando, depois, relegados pela própria incúria aos pardieiros apodrecidos do sofrimento.

Há, porém, aqueles outros que preferem tomar caminho diferente, depois das lições difíceis do aprendizado e do amadurecimento. Resolvem, por fim, se consagrar à bênção do dever, por mais áspero que seja, com vistas a adquirir a tranqüilidade e a alegria que o Senhor lhes reserva.

Eles sabem que nesse estado de alma ficarão, porque executaram, antes de tudo, a vontade soberana do Pai, que planeja sempre o melhor em nosso favor.

- II -

"O Livro dos Espíritos"

Para perpetuar as Suas Leis, Deus escreveu-as no imenso livro da Natureza, autografando cada página com a beleza e a harmonia que se destacam em toda a Criação.

Por sua vez, o homem primitivo, tentando a comunicação com o seu próximo e ansioso por exteriorizar o seu pensamento, registrando as sensações e as primeiras emoções de estesia que o visitavam, pintou, nas furnas escuras, onde buscava agasalho, as suas mensagens rupestres que sobreviveram e assinalam hoje inúmeros dos seus hábitos pretéritos.

O barro cozido, a pedra trabalhada, os papiros, as peles de animais e todos os recursos que poderiam registrar a história dos seres, suas conquistas e aspirações, foram utilizados para compor e fixar o incomparável poema das épocas, das vidas, das sociedades.

Os chineses foram os primeiros a reunir em páginas ordenadas os pensamentos e fastos históricos dando origem aos livros, mediante a utilização do papel. Deles, passando por etapas sucessivas e aprimoradas, desenvolveu-se a tecnologia do livro, que se tornou indispensável à vida humana, pelas informações valiosas e contribuição inestimável ao desenvolvimento das criaturas séculos afora.

Das obras pesadas e monótonas às delicadas e ricas de iluminuras, prenúncio das avançadas técnicas de ilustração, o livro tem sido o depositário da sabedoria dos tempos, dos fatos das sociedades, das narrações comovedoras, trágicas, heróicas, místicas, líricas e humorísticas da Humanidade.

O livro nobre especialmente tem sido o repositório da beleza e do registro das artes, convidando o homem à reflexão e descobrimento dos valores elevados da vida, de modo a prepará-lo para a sua elevação.

Sagrado ou profano, encadernado ou brochura, rico ou de pequeno valor, adornado ou simples, é sempre abençoado companheiro que enriquece e prepara a criatura para o desafio da evolução.

Destacando-se entre os mais edificantes e completos de que se tem notícia, "O Livro dos Espíritos" , de Allan Kardec, é grandiosa síntese do pensamento que desceu dos Céus para iluminar as consciências terrestres na busca da sua imortalidade triunfante.

Exatamente no momento em que o Espiritualismo ortodoxo apresenta-se decadente, incapaz de conduzir as mentes lúcidas a reflexões mais profundas sobre o ser, o seu destino e a razão do sofrimento, quando o materialismo amplia o campo de informações estruturadas no cepticismo, na negação da alma e de Deus, na hora em que o desvario toma conta das mentes, renunciando o período da razão sem a fé, surge esta obra admirável que proporciona respostas às mais intrincadas questões da ciência como da filosofia, propondo uma releitura das doutrinas em voga, restabelecendo a certeza da imortalidade e a Causalidade Divina, de forma clara e capaz de enfrentar o discernimento frio das Academias, oferecendo-lhe o calor confortável dos fatos, dos quais derivou todo o seu arquipélago de lógica fundamentada na observação, na experiência dos testemunhos demonstráveis em laboratório.

Aceito, a princípio, com desconfiança e zombaria, as teses que veicula vêm resistindo ao processo de desenvolvimento cultural, tornando-se, cada dia, mais legítimas em face da confirmação que vem recebendo das doutrinas

psíquicas e parapsíquicas, da antropologia, da sociologia, da embriogenia, da ética.

Abordando os temas mais intrincados do pensamento de todos os tempos, é um tratado de lógica em permanente atualidade, obedecendo a uma metodologia e sistemática, que surpreendem todos aqueles que lhe buscam as sábias informações.

Estudando Deus e a alma, o princípio das coisas, o Espírito e a matéria, a morte e a vida, a reencarnação e a Justiça Divina, as comunicações espirituais e os inúmeros fenômenos que dizem respeito ao ser e ao seu destino, as ocorrências paranormais, as Leis que regem o Universo, particularmente a Terra e seus habitantes, culmina com uma análise profunda a respeito dos valores éticos que vigem no mundo e fora dele.

Jamais impõe qualquer tema, sempre abrindo espaços novos para aprofundamento do conhecimento, induz o homem à interiorização, na busca de si mesmo, ao tempo em que lhe amplia os horizontes existenciais, dando sentido e significado à sua atual existência, de que depende todo seu processo de iluminação e de liberdade.

Seguindo a tradição dialética, suas perguntas e respostas possuem clareza inconfundível, completadas pelos lúcidos comentários do Codificador, que se afadigou em esgotar os temas tratados sempre com liberdade cultural, evitando qualquer tipo de dogmatismo, sempre do agrado das mentes arbitrarias, que se comprazem em impor suas idéias. Profundamente liberal, Allan Kardec discute, esclarece, proporciona um elenco de reflexões de modo que o indivíduo elege somente o que pode absorver, incorporando essa conquista ao próprio conhecimento.

Nenhuma obra atravessou incólume mais de um século de existência, particularmente num período como o que medeia entre a data da sua publicação e a atualidade - 139 (hoje 141) anos - , tornando-se, cada vez mais, compatível com as demonstrações da ciência e da tecnologia.

É livro de estudos profundos, simples na forma e complexo no conteúdo, abordando teses científicas e propostas filosóficas, discussões ético-morais e religiosas, análises sociológicas e respostas psicológicas, contribuições que englobam as artes, os comportamentos, a história e os indispensáveis contributos para a felicidade humana.

Mesmo nestes dias, quando se desenvolve a realidade fatural e a computação passa a dirigir a conduta cultural e tecnológica do ser humano, "O Livro dos Espíritos" ocupa um lugar de destaque entre as obras digitadas para leitura acessível e prática nas luminosas telas das redes internacionais de comunicação, encaminhando vidas para o fanal da plenitude e sustentando a realidade da vida depois da vida e da justiça de Deus, que paira, soberana, acima de todas as vicissitudes e transitoriedade da forma humana e das coisas terrenas.

VIANNA DE CARVALHO

(Página recebida pelo médium Divaldo P. Franco, na noite de 18 de abril de 1996, na cidade de Coimbra, Portugal.)

- II -

O Livro

Passos Lírio

Livro é sempre o Amigo Sublime.

Educa sem ferir-nos.

Diverte, edificando-nos o caráter.

Revela-nos o passado e prepara-nos para o porvir.

Conta-nos o que os nossos antepassados disseram e fizeram, em outras civilizações, em épocas e gerações diferentes, em circunstâncias diversas de tempos idos e vividos.

Descobre-nos o panorama multissecular do passado da Humanidade: o Egito resplandecente dos faraós, a Grécia dos filósofos e artistas, a Roma dos deuses e dos Césares, a Jerusalém dos profetas, a Gália dos druidas, Cartago dos arrojados náuticos e Fenícia dos grandes negócios e empreendimentos.

Aponta-nos o que tem sido e feito o esforço humano através de todas as idades, desde a da pedra lascada, dos totens e dólmens, até a da era atômica que vivemos em nossos dias.

Em contato com o livro, aprendemos quanto sofreram os nossos ancestrais, em suas fainas e porfias pela conquista do bem-estar e do progresso de que tanto nos beneficiamos hodiernamente.

Descreve-nos a inutilidade das guerras nascidas do ódio e das ambições que gangrenam o mundo.

Aconselha-nos quanto à sementeira do bem e da luz, da verdade e da virtude, do conhecimento e da bondade, do trabalho construtivo e da alegria edificante.

Ajuda-nos no entendimento de nós mesmos e na compreensão dos nossos semelhantes.

Dá-nos coragem para as labutas redentoras da experiência planetária e infunde-nos energias revigoradoras e vivificantes para os testemunhos da humildade e do valor cristão das coisas espirituais, nos ásperos caminhos da jornada terrena.

Sem o livro a obra da vida não alcançaria a necessária significação; passaríamos, na Terra, com pleno desconhecimento uns dos outros e a lição preciosa dos homens mais esclarecidos e sábios, mais cultos e evangelizados, não chegaria ao cérebro e coração dos mais novos; a Religião e a Ciência provavelmente não surgiriam à luz da realidade; os mais elevados idéias do espírito humano morreriam sem eco; a indústria, o comércio e a navegação não possuiriam pontos de apoio.

Ele é o traço de união entre os que ensinam e aprendem, entre os milênios que já se foram e os dias que vivemos agora. É, ainda, a esse amigo abençoado que devemos a coleção e coletânea de notícias dos ensinamentos de Jesus, que renovam a Terra e preparam a Humanidade para o Reino Divino.

Por isso, não nos esqueçamos de que todo livro consagrado ao bem é um companheiro de nossa vida, merecendo o preito das nossas mais respeitadas e devotadas homenagens.

- II -

Irmãos em Trevas

Washington Borges de Souza

A Doutrina de JESUS é o caminho que leva à perfeição. A senda indicada pelo CRISTO de DEUS é a norma universal do amor. Em verdade, não existe outra rota que conduza o ser humano à felicidade.

Dentre todas as matrizes dos infortúnios humanos, certamente que os males que ocasionamos ao nosso semelhante são as principais causas a gerarem sofrimentos e resgates.

Por sua vez, relacionados com as mais cruéis vicissitudes, encontram-se os desarranjos mentais de variada ordem.

A Codificação Kardequiana propicia, com largueza e sabedoria, judiciosa orientação a respeito da obsessão. Criteriosamente, ministra preciosas lições sobre desordens de comportamento decorrentes de ação perniciosa de Espíritos obsessores. Estabelecer, contudo, com precisão, se a anormalidade provém do corpo físico ou do Espírito, é tarefa muitas vezes fatigante que demanda perseverança, atenção profunda e acurada, em face da sutileza dos mecanismos que comandam a conduta da pessoa.

Em todas as hipóteses, todavia, jamais deverá ser menosprezada a ação valiosa da Ciência formal, tradicional no Mundo. Embora seja a Ciência indivisível, que conduz à perfeição, aqui na Terra tem dupla feição: a que permanece nos limites da materialidade e aquela que segue em direção ao infinito.

Aos espíritas conscientes incumbe ponderação, reflexão e discernimento para não atribuírem todas as anomalias à intervenção dos Espíritos. Também não é sensata nem verdadeira a posição dos que caminham sem fé e nada aceitam além da matéria. Como sempre, devemos buscar o ponto de equilíbrio. O princípio harmônico é comum em todo o Universo e nas leis que o governam.

Atualmente se tem observado o alarmante crescimento do número de pessoas, de algum modo, atingidas por uma psicose ou manifestação qualquer de anormalidade de comportamento. Tanto assim que as autoridades governamentais já adotam a prática de tratamentos ambulatoriais, permanecendo o paciente entregue aos seus familiares no recesso do lar.

Os nosocômios especializados são manifestamente insuficientes para atender ao espantoso aumento do contingente de pacientes. Também o custo elevado de internação impossibilita o atendimento devido, dado o tempo exigido para o tratamento indicado.

O problema é, pois, de cunho social grave. É mesmo raro quem não tenha com ele um envolvimento qualquer, seja o de um parente, o de um conhecido ou o da própria criatura. Também são inegáveis a gravidade e os transtornos que essas dificuldades constituem para a família e a sociedade.

Desse modo, é urgente e oportuna a orientação segura para as pessoas atingidas por esses estorvos. O Espiritismo jamais será alheio a essa questão. Reconhece que a Medicina e seus recursos são imprescindíveis e, assim, coloca-se como colaborador para enfrentá-la. Tanto é verdade que já há inúmeras instituições que obedecem à orientação espírita associada aos recursos da Ciência Médica. Mas, esclarece essa Doutrina que há incidência de enfermidade que foge ao alcance da Medicina usual porque é da alçada da alma e nesta tem origem. A obsessão é típica e difere das doenças caracterizadas na patologia oficial, embora, muitas vezes, possa ser com as mesmas erroneamente identificada.

Entretanto, mesmo em casos caracterizados como de iniludível procedência espiritual, a medicação constante de determinados neurolépticos e psicotrópicos constitui prestimosa auxiliar no tratamento, ao tornar o paciente mais acessível ao procedimento desobsessor, exigido e aconselhado, além de dificultar, por outro lado, ao que parece, a ação obsidante.

Mas, em qualquer caso, a criatura que despreza a ajuda e a assistência espiritual compara-se ao pescador que prescindia do anzol e da rede em sua atividade. Na Terra ainda estamos na infância e não podemos correr os riscos do abandono.

De igual modo, jamais devemos dispensar o auxílio precioso de profissionais da saúde que levem ou não no coração a fé. Representam mãos de irmãos que curam e aliviam, habituados e habilitados a lidar com as dores e sofrimentos ou em prevenir riscos e enfermidades. Há imperiosa necessidade da ação inspirada na solidariedade e na cooperação entre as pessoas, com suas atividades específicas.

Esbarramos, a toda hora, com o egoísmo, o orgulho e as paixões vis. Quase todos carregamos o peso dessas imperfeições. Entretanto, a vida, a Natureza, mostram-nos, em todos os instantes, que a humildade, a simplicidade e o amor são bens supremos que um dia alcançaremos. Os grandes expoentes da cultura, os vultos mais eminentes da história humana constróem seus valores através dos evos, mediante esforço, mas por intermédio e com o auxílio do semelhante. Sempre recebemos o legado da luz pela misericórdia de DEUS. Somos intermediários da Divina Vontade para dar e receber. Ninguém, pois, caminha só, nem caminha sem ajuda.

A Doutrina Espírita é uma candeia natural a iluminar a estrada humana. Também nessa questão, alerta as criaturas quanto à insidiosa ação de irmãos desencarnados empenhados em processos obsessivos cruéis fora do alcance da medicação usual na Terra.

Do ponto de vista médico, evidentemente, falece-nos competência para abordar a questão, especializada na área da própria Medicina. No que respeita à postura espírita, a exigüidade de um simples artigo somente nos permite tangenciar ligeiramente o problema. Mas a finalidade oportuna é lembrar que, dada a importância do tema, a Codificação Kardequiana aprofunda exaustivamente o assunto. É, portanto, além de utilíssima, imprescindível a sua observância ao abordá-lo no campo profundo da alma e em seus mecanismos sutis, ou seja, na hipótese de obsessão comprovada.

Em todo o curso da História, temos tido notícia desse flagelo e da forma como tem sido enfrentado. Noutras eras, a criatura vitimada era considerada presa de demônio e, como tal, alijada da sociedade, até mesmo sacrificada. Atualmente ainda se cometem muitos enganos. Inúmeras pessoas consideradas loucas ou portadoras de lesões irremissíveis são, como tais, tratadas, quando, na realidade, apresentam quadros provocados pela ação maléfica de irmãos desencarnados movidos por egoísmo, orgulho, vingança, ódio, inveja, ciúme, etc. E, assim, encobertos por sua condição de invisíveis, praticam atos rancorosos contra suas vítimas, agindo livremente nas sombras, fora do alcance da visão comum. É para esse aspecto que nos incumbe o dever de alertar. O Espiritismo lança luz sobre esse quadro sombrio porque nos mostra que a morte torna inerte o corpo físico, mas antecede a vida estuante na eternidade.

Os mentores espirituais lembram que a simbiose ou vida em comum é freqüente, também, nos reinos inferiores da Natureza e os exemplos são numerosos. Especificamente no ser humano, esse fenômeno é cuidado ou considerado como obsessivo. Literalmente, "obsidiar" significa "cercar" "espionar",

etc. E o outro termo, também relacionado, é "obsedar" com a acepção de "importunar", "preocupar", etc.

A Doutrina dos Espíritos ensina que a ação obsessiva obedece a uma gradação, desde a simples influência até os casos graves de fascinação e subjugação. Essa ação pode, pois, ter o caráter de maior ou menor gravidade, ser mais ou menos longa, dependendo, em cada hipótese, das circunstâncias que envolvam o obsessivo e o obsidiado.

Também o auxílio a ser prestado esbarra em inúmeros obstáculos.

O primeiro decorre da própria oposição do necessitado que jamais admite ser vítima ou portador de uma desordem mental ou espiritual. A dependência em que se encontra o obsidiado de seus algozes é outra dificuldade. Às vezes tal dependência lhe agrada. Outras vezes é ludibriado em processos de fascinação. Outras ainda, é subjugado e fica à inteira sujeição dos obsessores.

Em cada hipótese, as particularidades são diversificadas quanto às procedências e nuances, impossíveis mesmo de serem expostas e relacionadas na limitação de um artigo, cabendo apenas lembrar que são próprias de cada ocorrência.

É sempre conveniente repetir que as desorientações que molestem a alma da criatura nem sempre são de origem externa, alheia a ela. Cabe mencionar, apenas de passagem, os processos anímicos e os auto-obsessivos que têm origem no próprio indivíduo, em seu ser espiritual, onde se cristalizam fixações mentais e que constituem enfermidades às vezes de difícil remoção.

Os procedimentos obsessivos em certas ocasiões confundem-se com a atividade mediúnica. Entretanto, jamais podemos esquecer que, em verdade, bloqueiam os canais mediúnicos, impedindo a benfazeja ação daquela faculdade.

Por último, é, também, cabível observar que, mesmo nos casos configurados e confirmados de assédio espiritual, não pode ser assegurado o êxito imediato da ajuda que deve ser prestada. Todos se subordinam às disposições das leis divinas e dependem da implicação de cada pessoa nos atos e delitos por ela praticados. O que é incontestável e indiscutível é a obrigação de auxiliar, relevando lembrar, como ensina o laborioso Mentor Emmanuel, através do querido médium Francisco Cândido Xavier, que "não há obrigações de permanente cativo nos fundamentos morais da criação" e que "a colheita vem sempre depois da sementeira".

Jamais será demais repetir que as moléstias incidem sobre o corpo físico e sobre a alma imortal: são deformações e desequilíbrios da matéria orgânica e do ente que a habita. Contudo, os defeitos morais são os que infelicitam a pessoa e lhe causam todos os danos, porque convivem com o ser total, alma e corpo, sendo, pois, permanentes fontes das vicissitudes. Desalojar tais imperfeições morais é a tarefa mais difícil e que depende de cada um de nós, demandando tempo e contínuo esforço.

A orientação contida no Evangelho de Jesus, a prática do bem em toda a sua extensão, o amor ao próximo, são, em síntese, a única medicação capaz de curar os males e nos conduzir à perfeição e à felicidade.

Separação do Joio e do Trigo

Inaldo Lacerda Lima

"Senhor, não semeaste tu, no teu campo, boa semente? Por que tem, então, joio?" (MATEUS, 13:27.)

Fato extraordinário perante a nossa consciência!...

Não há um momento sequer em que, abrindo o Novo Testamento, não nos surpreendamos com alguma coisa que nos leve a refletir profundamente. É o que nos ocorreu ao abrir o livro de Mateus, em seu capítulo XXV (tradução de João Ferreira de Almeida).

Diz o texto em apreço, expressando palavras de Jesus, que, quando o Filho do Homem vier em sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória. E, reunidas diante de si todas as nações, apartará uns dos outros, os bodes e as ovelhas, colocando estas à sua direita e aqueles à sua esquerda.

Dirá então o Rei aos que estiverem à sua direita: "Vinde a mim, benditos de meu Pai e possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; fui estrangeiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; adoeci e me visitastes; estive na prisão e me fostes ver."

E os justos lhes responderam, dizendo: "Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E estrangeiro, te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E, vendo-te enfermo ou na prisão, te visitamos?" E o Rei, respondendo, lhes dirá: "Em verdade vos digo que, quando isso fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes."

Em seguida, dirá também aos que estiverem à sua esquerda: "Quanto a vós outros, apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo ou na prisão, não me visitastes."

Então, eles também perguntarão: "Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo e na prisão, e não te servimos?" E o Rei lhes responderá: "Em verdade vos digo que, sempre que a um destes mais pequeninos faltastes com a vossa ajuda, foi a mim que o negastes." E irão eles para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna.

É questão semelhante à da parábola do joio semeado pelo inimigo no meio do trigo (Mateus, 13:24-30).

Os homens, principalmente os que se fizeram submeter à irracionalidade dos dogmas, oriundos da **letra que mata** ou nela inspirados, confundiram o verdadeiro sentido emblemático das palavras de Jesus, e viram nelas um Deus iracundo e perverso, cuja imagem Miguel Ângelo foi obrigado a pintar no teto da Capela Sistina, em Roma. Não conseguiram aceitar o Deus bom e misericordioso de que sempre falou o Cristo em seus ensinamentos.

As palavras do Mestre divino acima citadas não têm a significação de ódio ou de condenação eterna. A separação dos que deverão permanecer no Planeta em processo de regeneração daqueles que, por efeito de sua obstinação, poderiam concorrer para a continuidade do mal, é iminente, sim. Daí a expressão utilizada por Jesus na parábola do joio.

Sabemos que há aqueles que zombam, ainda: "- Regeneração? Pois, sim!... Como falarem os espíritas de regeneração num mundo onde a tônica é, e tem sido sempre o mal?!... Tolos visionários!"

Os que assim se manifestam, semelhantes aos que riam de Noé, na simbologia da arca e do dilúvio, não sabem o que dizem. Não acreditam nem na reencarnação nem a imortalidade da alma. São materialistas sonambulizados na ignorância das coisas espirituais. E sofrem bastante, pois que a si mesmos se condenaram à penúria da desesperança e ao embotamento da consciência.

Também disse Jesus, o Plenipotenciário de Deus: "Não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam." E muitos sobre isso também fazem zombaria: "- Ora, ora! Quantas gerações já se foram de Jesus até nossos dias e o velho mundo aí está cada vez pior!..."

Pobre gente!... - dizemos nós. O Cristo não se referia a gerações humanas. Na verdade, ele se referia a uma única geração. Referira-se à geração dos Espíritos que o Pai lhe confiou desde o princípio do mundo e que todos nós a integramos. Esta não passou, e só passará quando todas as coisas anunciadas por Jesus efetivamente acontecerem (Mateus, 24:34).

Estamos efetivamente na plenitude dos tempos preditos. E o filho do homem já veio, está diante de todas as nações do mundo que aceitarem o advento do Espírito Consolador, através das bençãos da mediunidade.

O trono de sua glória aí está no coração dos homens que se compenetraram da verdade, não simplesmente por ação da fé, mas por evolução. Enquanto isso, a separação do joio e do trigo está se processando. Vejam os que podem ver!...

Para nós, espíritas, tudo esta muito claro nos ensinamentos da doutrina em torno da qual nos irmanamos. Em "O Livro dos Espíritos" todo um manancial de sabedoria é nos revelado: desde a apresentação de Deus, nosso Pai, como senhor absoluto da Criação, ao mundo dos Espíritos, às leis morais e à vida futura que a todos aguarda - bons e maus, justos e injustos.

Em "O Evangelho segundo o Espiritismo", como desdobramento de "O Livro dos Espíritos", temos a manifestação, pela mediunidade, daqueles que, com autoridade, não somente nos dão testemunhos da vida espiritual como nos oferecem toda a orientação possível no sentido de não sermos contados entre o joio que **deverá ser queimado** através de expiações e provações dolorosas, em mundos de exílio, que terão como objetivo conduzir os obstinados no mal ao arrependimento e à purificação.

Purificação, sim. A infinita misericórdia do Pai não nos quer perdidos para sempre. E quando o Cristo diz: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que está preparado para o diabo e seus anjos", ele não quis dizer para sempre; quis, sim, enfatizar a necessidade da dor, em cujo sofrimento, muitas vezes, uma hora tem para o sofredor a duração de uma eternidade.

Em verdade, a separação do joio não está à espera do final deste século, ou início do Terceiro Milênio que de nós se aproxima. Ela já foi iniciada em relação àqueles cuja obstinação se caracteriza por brutal endurecimento no mal.

Oremos, todos, e tenhamos confiança na bondade divina. Nem sempre nos conhecemos tão bem quanto supomos! Mas o Senhor, nosso Deus e Pai, a todos nos conhece. Que Jesus, nosso Mestre e irmão maior, possa interceder em nosso favor, a fim de que mereçamos permanecer na Terra em regeneração.

O iluminado Emmanuel advertiu, certa feita, no capítulo **Doutrina Espírita** de seu excelente "Religião dos Espíritos" (10ª ed. FEB): " 'Espírita' deve ser o nome de teu nome, ainda mesmo respires em aflitivos combates contigo mesmo."

Confiemos, portanto, em que de nada tenha a nossa consciência a repreender-nos, considerando-nos joio indevidamente semeado no trigal do Senhor!...

- II -

Idéias pessoais no Movimento Espírita

Umberto Ferreira

A Doutrina Espírita é um conjunto de ensinamentos transmitidos à Humanidade pelos Espíritos Superiores. Aos homens cabe explicá-los e divulgá-los. Nela não cabem idéias pessoais dos homens.

O Movimento Espírita é a aplicação dos ensinamentos na prática. Ele deve ser todo fundamentado na Doutrina. Se desvia das bases doutrinárias, deixa de ser espiritismo e se enquadra no conceito geral de espiritualismo.

Qualquer pessoa ou instituição que quiser começar uma prática espírita, tem o dever de estudar o assunto e pesquisar nas obras básicas de Allan Kardec, não só para verificar se está embasada, como também para saber como fazer, sem o perigo de se desviar de orientação segura.

O Espiritismo é uma doutrina que preserva a liberdade dos seus adeptos e é flexível no seu aspecto de movimento espírita. Mas isto não significa que as pessoas e instituições possam introduzir qualquer prática na Doutrina da maneira que julgarem conveniente. Ao contrário, têm o dever de preservar a pureza doutrinária.

Podemos afirmar, sem exageros, que, em muitas instituições, são praticadas duas doutrinas: o Espiritismo e o "achismo", isto é, a Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec e as práticas sem fundamentação doutrinária, introduzidas com base unicamente nas opiniões pessoais, ou por orientação de Espíritos que parecem desconhecer os ensinamentos espíritas.

Se todos os espíritas tivessem o cuidado de estudar a Doutrina e de só colocar em prática o que estivesse fundamentado na Codificação Kardequiana, não haveria tantas diferenças, não só quanto à natureza das práticas, como na maneira de se praticar.

Na hora de definir as atividades espíritas, muitos dizem: **eu acho**. E colocam em prática suas idéias pessoais.

Há os que dizem: Sempre fizemos desta maneira e deu certo. Por que temos que mudar?

A eles se deve perguntar: Estão a serviço da Causa de Jesus, ou da tradição?

Após a confirmação de Jesus como o emissário divino, João Batista adotou uma atitude de extrema humildade e disse: "É necessário que ele cresça e que eu diminua" (João, 3:30). Não deveríamos agir da mesma forma, abrindo mão de nossas idéias pessoais em favor dos ensinamentos doutrinários?

- II -

Medo da Morte

Geraldo Goulart

"(...) A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças." Allan Kardec (Nota à questão 941 de "O Livro dos Espíritos" - FEB)

POR QUE AS PESSOAS TÊM MEDO DA MORTE?

A resposta a esta indagação é verdadeiramente plural porque cada pessoa apresenta, quando questionada a respeito, uma justificativa diferente: muitos não conseguem imaginar - dizem - o tormento que há de ser ficar enterrado! A simples referência dessa possibilidade sufoca-os. Alguns comentam o desconforto que por certo há de vir quando os vermes iniciarem seu trabalho profilático no eterno ciclo da vida. Outros dizem jamais ter pensado no assunto. E existe a enorme parcela daqueles que sequer admitem discutir o tema.

A recusa, talvez, inconsciente na maioria dos casos, em refletir sobre a realidade da morte, justificada pelas mais estapafúrdias desculpas, não se escora de fato no medo. É o desconhecimento da vida espiritual que inibe os indivíduos de alçar vôos mais altos em direção a tais considerações. Até mesmo porque é provável que intuem as impositivas transformações daí então decorrentes. E isso os constrange porque não se sentem fortalecidos nem possuem as necessárias convicções para proceder a quaisquer transformações. Então se acomodam.

Um ângulo talvez não focado sobre o assunto é o fato de que o desconhecido nos intimida. No rol das motivações que a maioria apresenta não se identifica, com facilidade, o argumento de que seu medo se ampara no fato de desconhecerem o que será encontrado na outra dimensão. E a ausência desse argumento revela a total ignorância quanto aos desdobramentos que a simples reflexão sobre a morte pode apresentar.

A postura normal dos indivíduos sempre que faceam a realidade do decesso - e isso, via de regra, apenas ocorre quando morre alguém do seu círculo de relações pessoais - é: 1) a de ressaltar as qualidades (algumas, inverossímeis) do finado; 2) recitar sua inconformação diante do quadro, manifestando seu pesar por tão prematura perda; 3) entregar-se a um sensível desespero, com evidentes mostras de desequilíbrio, que talvez esteja refletindo seu pavor ante a constatação da inevitável realidade que um dia o alcançará; ou 4) aparente submissão, com palavras consoladoras aos familiares, como se fosse uma fortaleza para o embate do momento.

Decerto não pretendemos minimizar a morte. Evidente que os envolvidos sentimentalmente com o falecido melhor avaliarão a perda mensurando o peso da sua ausência no cenário cotidiano. Mas, não estaria a morte - como tantos outros quadros com que nos defrontamos na vida - apresentando-nos o ambiente ideal para as reflexões mais profundas, e sempre oportunas, sobre o andamento de nossas ações e, além, evidenciando que temos ainda a possibilidade de, com essa revisão, modificar alguns de nossos comportamentos?

MORRER É DAR UM SALTO NO ESCURO

Lemos, há alguns anos, em um matutino carioca, breve artigo de um médico que afirmava, baseado em pesquisas, que morrer era como dar um salto

no escuro. Ainda que não nos tenha sido possível recuperar a publicação, a opinião do autor firmava-se, evidentemente, no desconhecido que representa a morte para os que aqui ficamos aguardando a vez. E é provável que a maioria das pessoas assim creiam. Também outro artigo publicado em O GLOBO de 5-1-83, que nos dá notícia sobre um seminário organizado pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP), conclui que "tanto para os leigos quanto para os pesquisadores de grande bagagem cultural, a morte é basicamente o desconhecido". Entretanto, todos aqueles que se tenham preocupado, em algum momento, com a continuidade da Vida sabem, de alguma forma, que a morte é uma grande utopia. Nem mesmo o corpo físico ela alcança.

Lavoisier (1743-1794), químico francês, autor da célebre afirmativa de que na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma, ensejou-nos a reflexão de que tal axioma também se aplica ao corpo físico após o fenômeno da morte. Enquanto parentes e amigos choram a ausência do "morto" e o finado prossegue, na outra dimensão, trabalhando sua evolução, que acontece no interior do túmulo? Simplesmente a transformação. A vida microintrabacteriana que todos trazemos latente no transcurso da vida de relação liberta-se logo após o resfriamento do corpo físico.

A desagregação molecular ganha livre impulso porque, liberto dos liames do perispírito (cujas ligações com o corpo físico lhe garantiam, além da nutrição, seu aquecimento) o corpo cede à ação dos germes que, agora, se tornam uma realidade patente, passando a nutrir-se do "morto". É um novo ciclo-processo de liberação de energia. Não há perda, e sim transformação.

Nas páginas de "O Consolador" (FEB), Emmanuel dedica-nos espaço considerável em profícuo comentário sobre a "transição". Na questão 147, ante a pergunta se a morte causaria inesperadas modificações na condição do indivíduo, o Mentor esclarece: "A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência. Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores."

Como se percebe, a colocação sugere amplas considerações para aqueles que acreditam que a morte elimina os estados de sofrimento, de dor, depressão, cansaço ou angústia de quem quer que seja. Sempre que perguntamos sobre o estado de saúde de alguém que soubemos doente, em condição crítica, recolhemos, às vezes, a resposta: "- Morreu. Descansou!" . Porém, como vimos com Emmanuel, muito se ilude quem acredita que a morte representa descanso ou cura automática para o que nos insidia.

Se há descanso é, antes, para os que cuidavam do enfermo, porque este despertará, na Dimensão da Verdade, ainda em condição lastimável, pois somente assim poderá ele entender a assertiva proferida pelo Senhor, há dezenove séculos, de que a cada um é dado segundo seu merecimento. Assim, o nosso morto, muito vivo no além, poderá refletir, agora distanciado das injunções do mundo onde se crê que a matéria é a maior realidade, sobre o quanto lhe pesam no psiquismo as horas de ócio, as intemperanças, os excessos, revisitando todos os atos falhos de sua última passagem pela carne.

Nesse sentido, a morte é, de fato, um salto no escuro. A surpresa em face da realidade - o prosseguimento da vida após os umbrais interpostos pelo decesso - é como se fora nossa passagem, repentina, de uma sala muito iluminada para um lugar totalmente escuro, do qual desconhecêssemos qualquer detalhe.

OS ESPÍRITAS TÊM MEDO DE MORRER?

Ignoramos se existe estatística nesse sentido. Por isso não se pode negar ou confirmar a hipótese. Ainda assim conhecemos confrades e confeitras que, não obstante o manancial de informações absorvidas da Codificação sobre o tema, são, digamos, **receosos** quanto à morte e preferem mesmo não tecer comentários a respeito ou sequer participar de tais estudos.

Semelhante comportamento caracteriza um contra-senso: não se pode conceber que haja pessoas que, teoricamente, esclareçam e reconfortem seus semelhantes diante do quadro da separação momentânea, e sintam mal-estar ante a lembrança de que também serão alcançadas pelo mesmo transe.

A questão 155 de "O Consolador" traduz significativa indagação: "O receio da morte revela falta de evolução espiritual?". Ao que responde Emmanuel: "- Nesse sentido, não podemos generalizar semelhante definição. (...) não é justo que o crente sincero se encha de pavores ante a idéia de sua passagem para o plano invisível aos olhos humanos, **sendo oportuno o conselho de uma preparação permanente do homem para a vida nova que a morte lhe apresentará.**" (Destacamos). Inere-se que o conhecimento da vida espiritual não significa evolução e também não auxilia, necessariamente, o homem a não temer ou aceitar e compreender semelhante transição.

O convencimento - única via que poderá abalar os alicerces do medo - dar-se-á a tempo certo, gradual, na medida em que o proficiente espírita converta-se num estudioso a ponto de conceber, intimamente, o desdobramento da Evolução, que tem muitas capas, na existência humana. Será pelo estudo que, *motu proprio*, terminaremos por eliminar os vãos receios e aguardar, sem quaisquer preocupações dessa natureza, o nosso momento.

Ao espírita não estão reservadas condições especiais, é bom que saibamos. Inserimo-nos na leira comum e precisamos, tanto quanto os demais companheiros de jornada terrena que seguem despreocupados de quaisquer reflexões de natureza espiritual, trabalhar nosso progresso e assim tentar garantir lugar na fila dos solicitantes de oportunidades melhores, já que temer ou não a morte não representa, em absoluto, evolução espiritual.

QUE É (COMO É) MORRER?

Em "O Livro dos Espíritos" (FEB), questão 68, somos informados de que o que causa a morte natural dos seres orgânicos é o esgotamento dos órgãos. Não é difícil compreender que o colapso dos órgãos pode ser também causado pelas nossas incontinências. Percebendo a importância da oportunidade para lançar luz sobre o *modus operandi* da volta do Espírito ao seu lugar de origem, Kardec obsequia-nos com o capítulo III (op. cit.), onde os Espíritos comentam quanto à condição da alma após a morte e a separação da alma e do corpo. É o tranqüilizante que faltava.

Após percuciente análise desse breve capítulo, qualquer pessoa se sente reconfortada e compreende que diariamente - todas as vezes em que se deita para o repouso físico - treina a Vida após a vida. É como se fora um sonho. Quantas vezes nos vemos em situações agradáveis ou desconfortáveis e que são descontinuadas pelo despertar? Se era algum envolvimento desagradável o acordar representa um alívio.

Tanto quanto o renascimento na carne, a morte também nos lança, de forma traumática, em nova realidade. Inexistisse o trauma, a criança não choraria ao nascer. Os traumas maiores são provavelmente causados: 1) pelo apartar-se do aconchego da bolsa com o líquido amniótico e, 2) devido ao distanciamento com a intimidade do plano espiritual. Ainda que renasça sob a proteção de Amigos de Mais Alto e garantida a presença dos Espíritos

simpáticos que o guardarão, o recém-lançado à densidade do novo plano terminará por esquecer e ignorar aquelas ligações. Quando chegar o momento do retorno o trauma se repetirá, daí a perturbação, tão comum, para o recém-desencarnado.

Oportuno compêndio para esclarecer a quantos interessados no assunto é o livro "A Crise da Morte" (FEB) do cientista italiano Ernesto Bozzano (1862-1943), cujo texto foi traduzido em 1930 por Guillon Ribeiro. Relatando os desdobramentos de 17 casos de desencarnação, o autor transfere-nos excelente material para reflexão além da possibilidade de antevermos o cenário espiritual de cada desencarnante conforme as revelações apresentadas.

DEIXAR QUE OS MORTOS ENTERREM SEUS MORTOS

A referência de Jesus quanto a "deixar que os mortos enterrem seus mortos" representa claro aviso para que não nos debrucemos desesperados sobre o esquife ante o quadro da morte. Consciente de que a morte é uma utopia e de que o nosso ente querido se transferiu para outro cenário e, mais, de que em breve nos reencontraremos, não há porque valorizar com morbidez a separação material. Comedimento e respeito sim. Desequilíbrio e instabilidade emocional, que acarretam sensíveis prejuízos à nossa economia, além de afetar a recuperação do recém-desencarnado, devem ser evitados.

Com muito mais eficiência e benefício para o desencarnado realizarão seu funeral aqueles que emocionalmente estiveram menos comprometidos com ele. Já os familiares e amigos mais próximos tenderão a lamentar seu passamento, facilmente raiando ao desespero, atitude que será muito prejudicial a todos os envolvidos no quadro doloroso. Não por acaso o Senhor é o Médico das Almas por excelência. Com tal exortação ele condena o destempero e, assim, evita o mal-estar pernicioso ao nosso organismo.

Ao dizer que se deixasse aos mortos (do sentimento) enterrar seus mortos, o Senhor visava à preservação de todos. Ele sabia que nós, ignorando a realidade da vida espiritual, tenderíamos a complicar uma situação comum.

A codificação Kardequiana, conformada nas orientações evangélicas, revestida de vero espírito cristão, indica-nos o comportamento seguro e tem atestado, no transcorrer do tempo, com inquestionável série de recados vindos da Dimensão da Verdade, que o que vemos baixar ao túmulo é o corpo do qual se travestiu a Individualidade imortal. Do Outro Lado, aqueles que foram objeto do nosso afeto prosseguem, vivos, em novas experiências, aguardando o momento de recepcionar-nos para a retomada dos laços de fraternidade e amizade irrestritas e que o tempo não consumirá, jamais.

Como lembra Joanna de Ângelis: "Morrer é transformar-se molecularmente, abandonar o pesado envoltório material para movimentar-se em diferente faixa vibratória.

A morte é apenas o passaporte para a vida." *

* FRANCO, Divaldo P. - "Oferenda", pág. 17, 3ª edição. Livraria Espírita Alvorada-Editora. Salvador (BA).

Hora extrema

Quando exalei meus últimos alentos
Nesse mundo de mágoas e de dores,
Senti meu ser fugindo aos amargores
Dos meus dias tristonhos, nevoentos.

A tortura dos últimos momentos
Era o fim dos meus sonhos promissores,
Do meu viver sem luz, sem paz, sem flores,
Que se extinguia em atos sofrimentos.

Senti, porém, minha alma sofredora
Mergulhada nas brisas de uma aurora,
Sem as sombras da dor e da agonia...

Então parti, serena e jubilosa,
Em demanda da estrada esplendorosa
Que nos conduz às plagas da harmonia!

AUTA DE SOUZA

(Do livro "Parnaso de Além-Túmulo", autores espirituais diversos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, pág. 138, 14ª ed. FEB.)

- II -

Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

O "Mas" e os Discípulos

"Tudo posso naquele que me fortalece."- Paulo. (FILIPENSES, 4:13.)

O discípulo aplicado assevera:

- De mim mesmo, nada possuo de bom, mas Jesus me suprirá de recursos, segundo as minhas necessidades.

- Não disponho de perfeito conhecimento do caminho, mas Jesus me conduzirá.

O aprendiz preguiçoso declara:

- Não descreio da bondade de Jesus, mas não tenho forças para o trabalho cristão.

- Sei que o caminho permanece em Jesus, mas o mundo não me permite segui-lo.

O primeiro galga a montanha da decisão. Identifica as próprias fraquezas, entretanto confia no Divino Amigo e delibera viver-lhe as lições.

O segundo estima o descanso no vale fundo da experiência inferior. Reconhece as graças que o Mestre lhe conferiu, todavia, prefere furtar-se a elas.

O primeiro fixou a mente na luz divina e segue adiante. O segundo parou o pensamento nas próprias limitações.

O "mas" é a conjunção que, nos processos verbalistas, habitualmente nos define a posição íntima perante o Evangelho. Colocada à frente do Santo Nome, exprime-nos a firmeza e a confiança, a fé e o valor, contudo, localizada depois dele, situa-nos a indecisão e a ociosidade, a impermeabilidade e a indiferença.

Três letras apenas denunciam-nos o rumo.

- Assim recomendam meus princípios, **mas** Jesus pede outra coisa.

- Assim aconselha Jesus, **mas** não posso fazê-lo.

Através de uma palavra pequena e simples, fazemos a profissão de fé ou a confissão de ineficiência .

Lembremo-nos de que Paulo de Tarso, não obstante apedrejado e perseguido, conseguiu afirmar, vitorioso, aos filipenses: - "Tudo posso naquele que me fortalece."

(Do livro "Pão Nosso", psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 79, págs. 169 e 170, 17ª ed. FEB.)

- II -

As Paixões: Uma Breve Análise Filosófica e Espírita 1

Silvio Seno Chibeni

Resumo:

Neste trabalho desenvolve-se um estudo das paixões da alma com base na seção intitulada "Paixões" do capítulo "Da perfeição moral" de "O Livro dos Espíritos", bem como em tópicos da obra de René Descartes "As Paixões da Alma".

1. Introdução

Abrindo a seção sobre as paixões de "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec pergunta: 2

"907. Será intrinsecamente mau o princípio originário das paixões, embora esteja na Natureza?"

Antes de analisarmos a resposta dos Espíritos, detenhamo-nos um pouco sobre a própria questão.

O primeiro ponto a ser notado é que Kardec indaga acerca do princípio originário das paixões, e não delas próprias, ou seja, procura esclarecimento sobre a origem, a fonte de onde promanam as paixões.

A segunda observação importante é que há, na pergunta, uma afirmação categórica: esse princípio do qual provêm as paixões está na Natureza, isto é, faz parte da ordem natural das coisas.

Ora, o conceito ordinário de paixão, adotado pelo homem comum, traz consigo uma conotação negativa evidente: associa-se paixão a desequilíbrio, tumulto emocional ou desvios patológicos do sentimento, sendo mesmo freqüente ouvir-se frases como "Isto não é amor, é paixão", ou "Fulano está cego de paixão".

A questão proposta por Kardec motiva-se exatamente pelo conflito entre essa acepção vulgar do termo "paixão" e a análise filosófica das paixões (de que trataremos na seção seguinte), que indica serem elas provenientes de causas naturais. Considerando que tudo aquilo que pertence à ordem natural obedece a uma sabedoria e a uma bondade supremas, tendo, em outras palavras, sido instituído por Deus, como poderia essa fonte sábia e boa levar, em última instância, a sentimentos intrinsecamente maus?

Vejamos o que respondem os Espíritos:

"Não, a paixão está no excesso de que se acresceu a vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo à realização de grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal."

A resposta corrobora, portanto, aquilo que está implícito na afirmação de Kardec: o princípio originário das paixões é bom, tendo sido "posto no homem para o bem". O mal que vulgarmente se associa às paixões é o resultado de uma distorção do sentimento original. Do contexto é justo depreender que essa distorção corre por conta do livre arbítrio humano na condução de seus sentimentos, não podendo ser imputada à fonte natural e neutra de onde provêm.

Na questão seguinte, de número 908, Kardec indaga como se pode "determinar o limite onde as paixões deixam de ser boas para se tornarem más", obtendo esta resposta:

"As paixões são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso desde que passe a governar. Uma paixão se torna perigosa a partir do momento em que deixais de poder governá-la e que dá em resultado um prejuízo qualquer para vós mesmos, ou para outrem."

Vemos, pois, que o limite natural das paixões se estabelece com base em dois critérios: 1) a capacidade de seu controle; e, 2) os males que possam causar a terceiros ou àquele próprio que as vivencia.

2. A natureza das paixões

Inegavelmente, dada a ordinária carga negativa associada ao conceito de paixão, a afirmativa de Kardec e dos Espíritos de que a fonte original das paixões é boa tende a causar estranheza na maioria das pessoas. Por tal motivo julgamos importante fazer uma incursão, ainda que breve e simplificada, nos domínios da filosofia, que tem as paixões como um de seus temas mais discutidos. Os fundamentos dessa afirmativa serão, desse modo, elucidados.

Como ocorre com boa parte dos vocábulos das línguas naturais, a palavra, "paixão" comporta diversos significados. Na acepção popular em nossos dias, ela designa certos sentimentos fortes, exacerbados, tumultuados, que em geral se associam à afeição votada a pessoas e mesmo a coisas e atividades: "Matou-se por paixão", "É apaixonado por carros", "Tem paixão pelo futebol".

Do ponto de vista filosófico, porém, o termo "paixão" possui significados mais amplos e neutros quanto ao bem e ao mal. Em seu significado etimológico, paixão se contrapõe a ação. Isso fica mais claro nas línguas inglesa e francesa, em que esses vocábulos, "passion" e "action", estão mais próximos de sua origem latina. Ação - atuar, agir, paixão - sofrer a ação, recebê-la passivamente.

Nesse sentido básico, e hoje em dia em desuso, poder-se-ia dizer que ação e paixão são como as faces de uma mesma moeda. Sempre que algo age, alguma outra coisa sofre paixão. Eu bato na mesa - ação; a mesa recebe a pancada - paixão. O mesmo fenômeno que para mim é ação, para a mesa é paixão.

Aqui estamos interessados não em coisas em geral, mas no ser humano, que pode, ele também, agir e sofrer paixão. Nesse caso, porém, o conceito de paixão se tornará mais específico, como veremos.

Na visão de homem estabelecida pelo Espiritismo, ele é um ser dual, composto de corpo (matéria) e alma (espírito). Embora remonte à Antigüidade, essa visão dualista tornou-se proeminente na filosofia a partir da contribuição de René Descartes (1596-1650). Um dos maiores filósofos e cientistas de todos os tempos, Descartes foi o principal responsável pela inauguração da filosofia moderna, renovando amplamente as teorias e conceitos, filosóficos anteriores. Esteve ainda entre os criadores da ciência moderna, ao lado de Galileo e Newton, Boyle e Huygens, entre outros.

Em sua doutrina, o sábio francês dissociou da alma a função de mantenedora da vida orgânica, tomando-a unicamente como o ser pensante, independente da matéria. Uma análise cuidadosa revela muitos pontos comuns entre as visões espírita e cartesiana do homem. Não podemos adentrar esse vasto e difícil assunto neste pequeno texto. Iremos apenas destacar alguns elementos mais diretamente ligados à questão das paixões. O último livro de Descartes publicado durante sua vida trata especificamente das paixões,

intitulando-se justamente *As Paixões da Alma* (*Les Passions de l'Âme*, 1649). Essa obra exerceu grande influência no futuro das discussões filosóficas acerca das paixões, só sendo rivalizado, no século seguinte, pelas obras do grande filósofo escocês David Hume (1711-1776), escritas dentro de perspectiva filosófica bastante diversa.

Dadas as grandes transformações por que passou a física em nosso século, não é possível expressar em linguagem ordinária como a ciência contemporânea caracteriza a matéria. Na concepção cartesiana, que prevaleceu e influenciou profundamente toda a ciência por quase trezentos anos, matéria é a substância extensa, com forma e movimento, que preenche todo o universo e atua exclusivamente por forças mecânicas de contato. No nível dos objetos com que lidamos enquanto homens comuns, podemos pensar na matéria aproximadamente ao longo dessas linhas, mas apenas para fixar idéias, conscientes de que essas noções não mais bastam às novas teorias físicas.

Quanto ao espírito, para Descartes ele era, como já indicamos, a substância pensante, a sede do pensamento, da vontade e dos sentimentos. Ao contrário de sua concepção de matéria, essa idéia de espírito mostra-se perfeitamente adaptável ao que conhecemos hoje, não mais pelas ciências acadêmicas, que por sua natureza não se ocupam com isso, mas pela ciência espírita, inaugurada por Allan Kardec.³

Podemos, para os nossos propósitos aqui, considerar a alma ou espírito como tendo três "faculdades" (termo de Descartes):

- 1) vontade;
- 2) pensamento;
- 3) percepção.

A vontade se exerce quando a alma quer algo; o pensamento, quando ela raciocina, duvida, compara, abstrai etc. Pensamento e vontade assim definidos são, por assim dizer, as "dimensões" ativas da alma. A percepção seria, por outro lado, sua dimensão passiva. Isso fica mais claro quando enumeramos as formas gerais dessa percepção:

- a) sensações dos corpos (formas, solidez, cores, sons etc.);
- b) percepções das operações da própria alma (percepção de que está raciocinando, duvidando, querendo, imaginando, sentindo etc.); e
- c) sentimentos (amor, ódio, tristeza, alegria etc.)

Em um sentido filosófico um pouco mais específico do que aquele já apontado, ligado à etimologia do termo "paixão", todos esses três tipos de percepção poderiam ser ditos (e o são por Descartes) paixões da alma, porque ao contrário dos atos volitivos e intelectuais, acontecem passivamente à alma quando ela se encontra em determinadas situações. Quando o corpo a que se está associada tem seus sentidos despertados e em bom funcionamento, postos em contato com uma vela acesa, por exemplo, a alma sentirá, quer queira, quer não, uma certa forma, uma certa luz, um certo calor (sensações). Quando a alma se auto-examina, ou, em linguagem filosófica, reflete, introspecta, não pode deixar de perceber que está raciocinando, ou duvidando, ou querendo algo, se de fato estiver (percepções das operações da alma). Por fim, diante de um gesto amigo ou de um carinho, sentirá a alma o amor; diante de uma ofensa, poderá sentir ódio ou mágoa; recebendo uma boa notícia, perceberá sua alegria e assim por diante (sentimentos).

Chegamos, finalmente, ao ponto pretendido. Em seu sentido filosófico mais estrito a palavra "paixão" denota exatamente esta última modalidade de percepções da alma: sentimentos como o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, a admiração e o desejo.

Descartes considerava que as seis paixões que acabamos de enumerar eram básicas, enquanto que as demais, tais como o orgulho e a humildade, a veneração e o desdém, a esperança e o desespero, o medo e a coragem, a vergonha e a cólera, o remorso e a piedade seriam derivadas das paixões fundamentais por combinações e variações.

Não haveria espaço para explicar ou reproduzir aqui a complexa teoria cartesiana das paixões. Tampouco nos deteremos sobre a interessante análise que faz de cada paixão em particular, análise que ocupa boa parte do livro "As Paixões da Alma". Ressaltaremos, entretanto, alguns pontos que podem contribuir para a nossa compreensão da natureza desses sentimentos.

No referido livro, assim como em outras obras, Descartes elabora detalhada teoria fisiológica que, embora hoje em dia possa parecer tosca e quimérica em muitos aspectos, representou um trabalho pioneiro, exercendo significativa influência no posterior desenvolvimento da ciência biológica.

A teoria cartesiana descrevia o corpo humano, como aliás todo o universo material, em termos de um conjunto incrivelmente complexo de corpúsculos que agem sob leis mecânicas, leis que o próprio Descartes havia deduzido de pressupostos racionalistas na obra "Os Princípios da Filosofia", de 1644. Ele foi um dos primeiros cientistas a reconhecer a teoria da circulação do sangue, proposta por William Harvey no início do século XVII. Descartes mantinha (de forma não totalmente original) que no sangue havia certos corpúsculos materiais extremamente pequenos e móveis, chamados espíritos animais. Não obstante o nome, não se tratava de modo algum de espíritos no sentido de seres inteligentes, mas de matéria pura e simples. Essas partículas diminutas eram como que "filtradas" nos "poros" do cérebro, passando a percorrer os nervos. O fluxo dos espíritos animais no sistema nervoso é a chave para explicar, na teoria cartesiana, fenômenos fisiológicos e psico-fisiológicos fundamentais, como o funcionamento dos sentidos, as motricidades voluntária e involuntária, e as próprias paixões da alma. Embora as paixões sejam percepções da alma, tinham, segundo essa teoria, uma contraparte fisiológica essencial. Infelizmente não poderemos fornecer detalhes aqui.

Abrimos um parêntese para mencionar um aspecto da teoria psico-fisiológica de Descartes que chama a atenção de pesquisadores espíritas: o papel central atribuído à glândula pineal, ou epífise, situada na base do cérebro. Até bem recentemente, a ciência acadêmica considerava que essa glândula não exercia nenhuma função relevante no homem adulto, julgando, pois, errônea a teoria de Descartes. No entanto, descobertas recentes vêm levando uma revisão dessa posição; a pineal parece ter determinante influência no controle de outras glândulas importantes, e portanto em toda a economia orgânica. Décadas antes que se começasse a perceber isso nos círculos oficiais, o cientista espírita desencarnado André Luiz recuperou e desenvolveu os elementos aproveitáveis da teoria cartesiana. Ambos, Descartes e André Luiz, atribuem à pineal o papel mais importante na ligação alma-corpo; seria, nas palavras do primeiro deles, como que a "principal sede da alma", o lugar do mundo orgânico onde a alma "exerce imediatamente suas funções" ("As Paixões da Alma", parágrafo 32).

Voltando à análise do conceito restrito de paixão, enfatizemos que ele preserva o elemento essencial da noção abrangente: a passividade. Amor, ódio, alegria, tristeza e demais paixões são algo que "se apodera" de nós de forma involuntária: pelo menos na sua gênese imediata não temos nenhuma participação voluntária. Embora Descartes não se tenha servido desta expressão, poderíamos dizer, simplificadamente, que para ele as paixões eram o resultado de uma espécie de automatismo psico-fisiológico. Na esfera

fisiológica, esse automatismo envolvia, de forma essencial, o fluxo dos espíritos animais e sua interação com a pineal; na mente, manifestava-se como as percepções de amor, ódio etc., que cada homem sabe o que são por experiência direta.

Desnecessário notar que a ciência contemporânea não mais utiliza a noção de espíritos animais. No entanto, temos aqui mais um caso típico da história da ciência em que, embora rejeitados pela evolução da ciência, conceitos e teorias do passado aparecem ainda, embora bastante modificados, refinados e complementados, nas teorias mais recentes. A idéia geral de que algo percorre os nervos, trazendo as informações sensoriais para o encéfalo e conduzindo para os órgãos motores os impulsos nele originados mostrou-se fecunda e sustentável, estando presente nas teorias científicas contemporâneas, que descrevem esse algo em termos de correntes elétricas.

Também a associação das paixões a um certo automatismo pode ser mantida até hoje. Estendendo de maneira profunda e segura a investigação do ser humano, o Espiritismo modificou e complementou a descrição desse automatismo, que deixa de estar centrado na estrutura fisiológica, residindo antes no próprio espírito, em sua existência que antecede e sucede à do corpo denso, com possíveis influências também do seu envoltório perispiritual. Assim é que se constata por observação direta que os Espíritos desencarnados continuam tendo sentimentos aparentemente semelhantes às nossas paixões. Isso indica que a causa imediata das paixões não se pode reduzir a processos referentes ao corpo denso, como achava Descartes. O fato de que diante de determinados estímulos externos ou internos a alma é automaticamente objeto daqueles sentimentos que chamamos paixões, deve-se a uma faculdade inerente à própria alma, que tem uma razão de ser providencial, conforme vimos na introdução deste trabalho. (Retomaremos esse tópico mais adiante.)

Detenhamo-nos agora sobre as causas mediatas ou primeiras das paixões. Estas eram por Descartes classificadas em três grupos (As Paixões da Alma, parágrafo 51):

- I. **os objetos dos sentidos:** alguém escuta uma boa notícia e sente alegria; vê uma criança sendo maltratada e sente indignação ou cólera; cheira fumaça e sente medo de incêndio;
- II. **as ações da alma:** alguém pensa em suas qualidades e sente orgulho ou humildade; duvida da sinceridade de um amigo e sente tristeza; imagina os efeitos de uma tragédia e sente pena dos envolvidos;
- III. **o "temperamento do corpo" e as "impressões que se encontram fortuitamente no cérebro".** São desse tipo, por exemplo, as paixões que temos "quando nos sentimos tristes ou alegres sem que possamos dizer o motivo".

Este último item enseja aos pesquisadores espíritas outra oportunidade de complementar o que afirmou Descartes. Pelas investigações científicas dos fenômenos espíritas, conhecemos inúmeros fatos e leis da realidade espiritual que o filósofo aparentemente ignorava. É indubitável que alterações diversas do corpo, especialmente do sistema nervoso, podem de fato fazer surgir sentimentos ou paixões na alma. No entanto, sabemos que em muitas ocasiões em que não encontramos sua causa última naquilo que explicitamente observamos, quer no mundo exterior e em nossos corpos, quer em nossa alma, podem dever-se a fatores espirituais, tais como as vivências no mundo espiritual durante o sono, as influências obsessivas e telepáticas de um modo geral, ou a emersão parcial de nosso pretérito remoto.

3. O controle das paixões

Chegamos agora a um ponto saliente do estudo das paixões, enfatizado na seção de "O Livro dos Espíritos" que estamos analisando, em que recebeu também grande atenção da parte de Descartes: a questão de seu controle, domínio ou governo. Dada a própria conceituação de paixão, ou seja, de algo que acontece involuntariamente em nossa alma, uma impressão preliminar poderia ser a de que as paixões escapam, por sua própria natureza, a toda possibilidade de controle voluntário. No entanto, o assunto é complexo, e exige exame mais detido. Começemos transcrevendo o item 909 de "O Livro dos Espíritos":

"909. Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações?"

'Sim, e, por vezes, fazendo esforços pequenos. O que lhe falta é a vontade. Ah! quão poucos dentre vós fazem esforços!' "

Embora não se fale aqui explicitamente em paixões, está claro a partir do contexto que as referidas "más inclinações" estão associadas ao desvirtuamento dos sentimentos naturais que estão na origem das paixões. Temos, por exemplo, uma tendência que parece natural, maior ou menor conforme a pessoa, de sentir orgulho quando nos elogiam, mágoa quando nos ofendem, inveja quando vemos alguém possuir aquilo que queríamos para nós próprios. Nos itens 910 e 911 a referência às paixões se torna explícita. No primeiro deles assevera-se que os bons Espíritos podem nos auxiliar a vencer as más paixões, pois que "é essa a missão deles." O segundo vai agora transcrito em sua íntegra:

"911. Não haverá paixões tão irresistíveis, que a vontade seja impotente para dominá-las?"

'Há muitas pessoas que dizem: Quero, mas a vontade só lhes está nos lábios. Querem, porém muito satisfeitas ficam que não seja como **querem**. Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se compraz nelas, em conseqüência de sua inferioridade. Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria.' "

Repare-se que nessas passagens o conceito de paixão está sendo restringido ao seu uso mais ordinário, de algo com conotação negativa, que requer controle ou superação. Isso não implica que devamos dissociá-lo de sua significação filosófica original, esboçada seção precedente. Tudo o que nela foi visto aplica-se também aqui, onde se trata de paixões particulares, aquelas que redundam em um mal qualquer para algo ou alguém.

Feitas essas ressalvas, retomemos o cerne desses três quesitos de "O Livro dos Espíritos". Neles se afirma resolutamente que as paixões negativas podem ser controladas pela vontade. Como fica então a conclusão a que havíamos chegado pela análise filosófica de que as paixões são aparentemente incontroláveis? Veremos agora que esse é um conflito apenas aparente, que se dissolve diante de um exame mais acurado. Descartes empreendeu ele próprio esse exame, e podemos aproveitá-lo quase que integralmente aqui, com as necessárias simplificações. Esses estudos de grande beleza e profundidade encontram-se principalmente nos parágrafos 44 a 50, e 137 a 148 de "As Paixões da Alma".

Iniciemos pelo parágrafo 46. Quando sofremos uma paixão qualquer, embora seu afloramento seja espontâneo, involuntário, dado o automatismo que opera em nós, podemos, por nossa vontade, não consentir em seus efeitos e reter muitos dos movimentos aos quais ela dispõe o corpo. Por exemplo, se a

cólera faz levantar a mão para bater, a vontade pode comumente retê-la; se o medo incita as pernas a fugir, a vontade pode detê-las, e assim por diante. 4

Eis, portanto, uma constatação simples, porém altamente relevante para o controle das paixões: sustar os seus efeitos maléficos sobre as coisas e pessoas. Isso está em nosso poder, desde que tenhamos vontade firme e discernimento moral para reconhecer quais os efeitos bons e quais os ruins. (Abordaremos o assunto do senso moral na próxima seção.)

No entanto, ainda que exercida eficazmente essa limitação das manifestações externas das más paixões resta o fato de que elas continuam existindo enquanto fenômenos de nosso mundo íntimo, ou seja, os sentimentos continuam presentes em nossa alma, prejudicando-nos a paz interior. O que fazer agora?

Descartes enfatiza que a vontade não tem o poder de excitar ou suprimir diretamente as paixões (parágrafo 45). Um pouco de reflexão leva-nos a concordar com ele. Bastará ao orgulhoso simplesmente querer ser humilde? De alguma coisa adiantará ao que está triste dizer para si próprio: "Ficarei alegre agora?" Vencerá alguém a mágoa simplesmente desejando alijar-se dela? Parece que não; falta algo além da vontade.

O que seria esse algo não se explicita na seção em exame de "O Livro dos Espíritos". A resposta está implícita no conjunto da obra e suas complementações. Um dos méritos do texto de Descartes é justamente o de focar o problema de forma quase explícita. (Dissemos quase porque o que exporemos a seguir é fruto de uma elaboração de várias observações e asserções de Descartes.)

O filósofo francês afirma, notemos bem, que não temos controle direto sobre as paixões. Isso não significa que não possamos controlá-las indiretamente, mediante certos artifícios. Consideremos uma útil analogia de que Descartes lança mão no parágrafo 44. Constitui fato patente que há certos movimentos corporais sobre os quais a vontade é incapaz de atuar diretamente, como a abertura ou fechamento das pupilas: ninguém as abre ou fecha voluntariamente. No entanto, podemos facilmente fazê-las se fechar ou abrir indiretamente, voltando nossos olhos para uma região mais clara ou outra mais escura. Sobre os movimentos dos olhos, ou outra mais escura. Sobre os movimentos dos olhos, pálpebras e face temos pleno controle e, explorando o automatismo fisiológico, logramos controlar a abertura das pupilas de forma indireta. As paixões, diz Descartes (parágrafo 45), podem, de forma análoga, ser excitadas ou suprimidas indiretamente pela representação das coisas que costumam estar unidas às paixões, que queremos ter, e que são contrárias às que queremos rejeitar. Assim, para excitarmos em nós a coragem e suprimirmos o medo, não basta ter a vontade de fazê-lo, mas é preciso aplicar-nos a considerar as razões, os objetos ou os exemplos que persuadem de que o perigo não é grande; de que há sempre mais segurança na defesa do que na fuga; de que teremos a glória e a alegria de haveremos vencido, ao passo que não poderemos esperar da fuga senão o pesar e a vergonha de termos fugido, e coisas semelhantes.

Como no caso da abertura das pupilas, podemos estudar o automatismo das paixões e colocá-lo a nosso serviço. O exemplo dado por Descartes refere-se à paixão do medo. Tentemos ver como seria no caso da mágoa. Diante de uma ofensa, pode acontecer de ficarmos magoados, quer queiramos ou não. Reconhecendo porém os malefícios desse sentimento, aplicamo-nos em combatê-lo. Para tanto, temos que nos "representar" coisas que sabemos estar unidas ao perdão e que são contrárias à mágoa. Podemos, por exemplo, ponderar que o ofensor é uma pessoa infeliz; que não teve ainda a glória de

ascender a um patamar comportamental melhor, que pode ter agido sob o peso de problemas que desconhecemos; que pode não ter encontrado na infância pais devotados e bons que lhe ensinassem a virtude por palavras e atos; que ele colherá frutos amargos de sua ação; que, de nosso lado, havemos de possuir em nosso passado fatores que determinaram a necessidade ou conveniência de enfrentarmos semelhante provação. Examinando as obras espíritas voltadas à orientação moral, é fácil encontrar muitas considerações desse teor. Os bons autores espíritas sabem que a melhoria moral da criatura não é uma questão de prescrições, de proibições, mas de esclarecimento e de substituição de hábitos.

Falamos em hábitos e isso nos conduz a outro tópico da análise cartesiana. Quando recorremos à noção de automatismo para explicar o mecanismo das paixões devemos esclarecer mais sua natureza, se é permanente e inalterável ou não. Pois bem: Descartes sustentava que esse automatismo das paixões (embora, repitamos, não tenha usado essa expressão) podia ser alterado. Essa possibilidade era por ele entendida em termos das associações de pensamentos e movimentos corporais com os fluxos dos espíritos animais. Ele assumia que a Natureza determinava essas associações, mas que podíamos até certo ponto alterá-las "por hábito" (parágrafo 50). Lembra por comparação que mesmo os animais podem ter suas reações naturais parcialmente alteradas por condicionamento (como diríamos hoje). O cão, que por uma disposição natural é levado a correr na direção da perdiz para apanhá-la, pode ser treinado para deter-se quando a vê, esperando pelo caçador. E conclui (parágrafo 50):

Ora, essas coisas são úteis de saber para nos encorajar a aprender a regradar nossas paixões. Pois dado que se pode, com um pouco de engenho, mudar os movimentos do cérebro nos animais desprovidos de razão, é evidente que se pode fazê-lo melhor ainda nos homens, e que mesmo aqueles que possuem as almas mais fracas poderiam adquirir um império bem absoluto sobre todas as suas paixões, se empregassem bastante engenho em domá-las e conduzi-las.

Deve estar claro que o "engenho" ou habilidade a que se refere Descartes é precisamente a aludida técnica de a alma "representar" para si as coisas que tendam a diminuir as paixões que quer combater e a incrementar as que lhes são contrárias. Desse modo, novas associações mentais se estabelecem (para ele seriam associações psico-fisiológicas), e as más paixões se vão amainando, até voltarem à sua condição natural e primitiva, incapaz de produzir males. A cólera, por exemplo, iria se transmudando em mágoa, e esta depois se reduziria à mera desaprovação, ao mero desagrado, natural e decorrente do próprio senso moral, de que não se pode nem deve abdicar.

4. As paixões e a moral

Até aqui tentamos analisar as paixões dos pontos de vista fisiológico, psicológico e anímico. Utilizamos as noções de paixões boas e más, de efeitos bons e maus, de malefícios e benefícios sem questionar a distinção do bem e do mal. É evidente que para aplicarmos-nos ao controle de nossas paixões é preciso antes saber distinguir o bem do mal. Isso cabe à área da filosofia denominada moral ou ética. Descartes e a maior parte dos grandes filósofos atribuíram grande importância ao estudo da moral, procurando determinar o critério do bem e do mal e os fundamentos nos quais se apóie. Não podemos adentrar esse assunto aqui. Iremos nos ater unicamente a alguns aspectos das relações entre as paixões e a moral, tratados em "As Paixões da Alma".

No parágrafo 47, Descartes fornece uma explicação para o fenômeno psicológico do conflito entre aquilo que a alma quer e o que sente como paixão. Não se trata, diz Descartes, de um combate entre a "parte inferior" e a "parte superior" da alma, conforme se costuma imaginar. A alma é una, não se concebe que tenha partes. A explicação do fato liga-se àquilo que, em adaptação da terminologia cartesiana, vimos denominando automatismo das paixões. Não descenderemos aos detalhes dessa complexa explicação. Notemos apenas que é fácil entender o referido conflito quando se nota que a alma responde às situações, no nível das paixões, segundo reflexos parcialmente incondicionados e parcialmente condicionados, conforme vimos anteriormente. No plano intelectual e moral, porém, essas mesmas situações passam por exames via de regra conscientes e deliberados, podendo daí resultar serem aprendidas de modo diverso. Quando tratamos do controle das paixões, pois o controle só é percebido como necessário quando as paixões não se harmonizam com aquilo que se julga ser correto ou bom.

O parágrafo 48 aborda a questão do esforço que a alma faz para superar esse conflito íntimo. Inspecionemos na íntegra esse interessante parágrafo (os destaques são nossos):

Ora, é pelo desfecho desses combates que cada qual pode conhecer a força ou a fraqueza de sua alma. Pois aqueles cuja vontade pode, naturalmente, com maior facilidade, vencer as paixões e sustar os movimentos do corpo que os acompanham têm, sem dúvida, as almas mais fortes. Há, porém, os que não podem comprovar a própria força porque nunca levam a combate sua vontade juntamente com suas próprias armas, mas apenas com as que lhes fornecem algumas paixões para resistir a algumas outras. O que denomino próprias armas da vontade são os juízos firmes e determinados sobre o conhecimento do bem e do mal consoante os quais ela resolveu conduzir as ações de sua vida. E as almas mais fracas são aquelas cuja vontade não se decide assim a seguir certos juízos, deixando-se arrastar continuamente pelas paixões presentes, que, sendo muitas vezes contrárias umas às outras, puxam-na sucessivamente cada uma para o seu lado e, fazendo-a combater contra si mesma, colocam-na no estado mais deplorável possível. Assim, por exemplo, quando o medo representa a morte como um extremo mal, que só pode ser evitado pela fuga [do perigo], e a ambição, de outro lado, representa a infâmia dessa fuga como um mal pior que a morte, essas duas paixões agitam diversamente a vontade, que, obedecendo ora a uma, ora a outra, se opõe continuamente a si própria, tornando assim a alma escrava e infeliz.

A "força" da alma é definida com referência à sua vontade. As pessoas de vontade fraca deixam-se simplesmente levar pelas paixões, tão amiúde contrárias umas às outras, do que resulta o mais deplorável estado de alma. No entanto, só a vontade forte não basta; é necessária a utilização das "armas" da vontade, que são "juízos firmes e determinados sobre o conhecimento do bem e do mal". Ou seja, a alma precisa saber distinguir de forma segura o bem do mal. Tem de possuir critérios morais sólidos, caso contrário poderá aplicar sua vontade sobre alvos errados, dando combate a paixões boas ou cultivando paixões más, como acontece, por exemplo, com quem alega que a humildade não se coaduna com a dignidade humana, ou que o ciúme é necessário ao amor.

No parágrafo seguinte (49), Descartes observa que "há pouquíssimos homens tão fracos e irresolutos que nada queiram senão o que suas paixões lhes ditam". Isso, porém, não é tudo:

Há, entretanto, grande diferença entre as resoluções que procedem de alguma falsa opinião e as que se apoiam tão somente no conhecimento da

verdade, visto que se seguirmos estas últimas estaremos certos de não ter jamais do que nos lamentar nem arrepender, ao passo que o teremos sempre, se seguirmos as primeiras, quando lhes descobrimos o erro.

O conhecimento moral é, pois, de capital importância para que a alma alcance o equilíbrio interior, pela indispensável iluminação do processo de controle das paixões. E nesse particular o Espiritismo tem contribuições de alta relevância para fazer. De modo pioneiro na história do pensamento, forneceu à moral um embasamento seguro e objetivo, a partir da análise racional dos fatos da vida humana, vistos de uma perspectiva muito ampliada e detalhada com relação àquelas do materialismo ou das religiões dogmáticas. À luz do conhecimento espírita, o critério do bem e do mal, do certo e do errado, dos deveres e direitos, não é mais uma questão de gosto, de prescrições, de cultura ou de época, nem se funda "em algumas paixões pelas quais a vontade se deixou anteriormente vencer ou seduzir" (ibid., parágrafo 49). Resulta, antes, do exame objetivo das conseqüências de nossas ações, com vistas à aproximação gradual da felicidade. ⁶

Para exemplificar o raciocínio, consideremos as paixões do amor e do ódio, da humildade e do orgulho, da piedade e da dureza, da esperança e do desespero, da coragem e do medo. Se perguntarmos quais delas devem ser cultivadas e quais reprimidas, a resposta pressuporá um certo critério moral. Evidentemente existe na humanidade terrena, em seu presente estado evolutivo, uma multiplicidade de critérios morais, capazes de levar a diferentes classificações das paixões enumeradas. Há quem julgue, por exemplo, que a humildade rebaixa a criatura; que a piedade é apanágio das almas frágeis; que a desesperança é a postura correta diante da triste situação do mundo e da natureza humana...

Com sua ética objetiva, o Espiritismo pode pôr termo a tais disparidades de opinião, indicando claramente quais as paixões e atitudes que melhor conduzem o homem à almejada felicidade, concebida em termos amplos e perenes. Na lista que demos, por exemplo, são as primeiras paixões de cada par, nunca as segundas, aquelas que devemos permitir que vicejem em nossas almas.

Ao mesmo tempo em que nos esclarece acerca do bem e do mal, o Espiritismo fornece os meios para podermos executar o controle das "más inclinações", ao longo das linhas sugeridas por Descartes. Na seção anterior, exemplificamos esse processo no caso da mágoa. Procedendo de modo semelhante com as demais paixões, elas serão reconduzidas ao seu estado de pureza original, conforme se expressa nas questões 907 e 908 de "O Livro dos Espíritos". Nos judiciosos comentários que as seguem, Kardec afirma que as paixões "são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência". A finalidade boa das paixões é destacada em termos equivalentes por Descartes no parágrafo 52 de "As Paixões da Alma": "o emprego de todas as paixões consiste apenas no fato de disporem a alma a querer coisas que a Natureza dita serem úteis a nós, e a persistir nessa vontade, assim como a mesma agitação dos espíritos [animais] que costuma causá-las dispõe o corpo aos movimentos que servem à execução dessas coisas". (Ver também os parágrafos 137 e 138.)

Detenhamo-nos ainda um pouco sobre esse tópico. À primeira vista, é fácil reconhecer que o amor, a coragem e alegria, por exemplo, provêm de princípios bons e concorrem para o nosso bem. No entanto, mesmo essas paixões boas podem ser mal conduzidas e desvirtuadas, levando, respectivamente, ao ciúme, à temeridade e ao estouvamento.

Por outro lado, não é imediata a identificação de origens boas e providenciais das quais paixões como a cólera ou o orgulho possam provir. Descartes, Kardec e os Espíritos que com ele colaboraram nos asseguram que os há, todavia. Ensaaiemos uma busca.

A cólera é o sentimento violento de desagrado e revolta que costuma surgir de ofensas físicas ou morais graves, não raro desaguando em ações retaliatórias variadas. Examinando o caso, percebemos que a face moralmente insustentável da cólera é a vingança, bem como o tumulto interior a que arroja. Entretanto, em suas origens podemos localizar algo bom: a desaprovação da agressão. Ora, tal desaprovação deflui naturalmente do senso moral, da faculdade de discernir o certo do errado, de que não podemos abdicar sem retroceder ao estágio da animalidade. O perdão que a ética espírita e cristã recomenda de modo algum significa aprovação moral das ofensas.

O orgulho, por sua vez, é o sentimento de superioridade em relação aos semelhantes, capaz de induzir-nos a desprezá-los e até mesmo a subjugá-los, quando temos poder para tanto. Embora patentemente injustificável frente ao conhecimento espírita, remontando aos seus princípios talvez possamos identificar algo como a confiança nas próprias potencialidades. Sentimento benéfico, essa auto-confiança é indispensável para que não nos amolentemos, não descreiamos de nosso aprimoramento físico, intelectual, artístico e moral. É somente quando, por excesso, ultrapassa seus limites naturais, que ela se transmuda em orgulho pernicioso.

5. Na direção do Infinito

Não poderíamos concluir este pequeno trabalho sem mencionar que no final da terceira parte de seu livro Descartes apresenta brevemente um outro aspecto das percepções da alma, complementar ao das paixões, tais quais as entendia. Vimos que para ele estas últimas tinham sempre uma "contraparte" orgânica. Sugerimos, por nossa vez, que esse aspecto talvez não seja central nas paixões, que parecem antes ser inerentes à própria alma.

De qualquer modo, dentro do referencial que elaborou, Descartes também notou que há percepções da alma que radicam nela própria, ou, em suas palavras, "emoções interiores que são excitadas na alma apenas pela própria alma" (parágrafo 147; grifamos). Um dos exemplos que dá é a "alegria intelectual" que sentimos quando lemos um romance ou assistimos a uma peça teatral em que as situações excitam em nós diversas paixões, como a alegria, a tristeza, o ódio, o amor, trazendo-nos todas uma espécie de prazer de ordem superior.

Vejam estas belas passagens do parágrafo 148, em que Descartes desenvolve o tema:

Ora, visto que essas emoções interiores nos tocam mais de perto e têm, por conseguinte, muito mais poder sobre nós do que as paixões que se encontram com elas, e das quais diferem, é certo que, contanto que a alma tenha sempre do que se contentar em seu íntimo, todas as perturbações que vêm de outras partes não dispõem de poder algum para prejudicá-la. Servem, antes, para lhe aumentar a alegria, pelo fato de, vendo que não pode ser por elas ofendido, conhecer com isso a sua própria perfeição. E, para que a nossa alma tenha assim do que estar contente, precisa apenas seguir estritamente a virtude. Pois quem quer que haja vivido de tal maneira que sua consciência não possa censurá-lo de alguma vez ter deixado de fazer todas as coisas que julgou serem as melhores (que é o que chamo aqui seguir a virtude), recebe daí uma

satisfação tão poderosa para torná-lo feliz que os mais violentos esforços da paixão nunca têm poder suficiente para perturbar a tranqüilidade de sua alma.

Descartes aponta, assim, uma espécie de sublimação dos sentimentos, na direção da alegria perene e sem mácula que resulta tão-somente da prática da virtude. Essa a alegria que viveremos um dia, quando, pelos nossos esforços, lograrmos alcançar a excelsa condição de Espíritos puros.

Referências

CHIBENI, S.S. "Os fundamentos da ética espírita, Reformador, junho de 1985, pp. 166-9.

- "A excelência metodológica do Espiritismo" , Reformador, novembro de 1988, pp. 328-33, e dezembro de 1988, pp. 373-78.

- "O paradigma espírita", Reformador, junho de 1994, pp. 176-80.

DESCARTES, R. Les Passions de l'Âme. In: Adam, C. e Tannery, P. (eds.) "Oeuvres de Descartes". Tomo XI, pp. 291-497. Paris, Vrin, 1967. (As Paixões da Alma. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. In: Descartes - Obra Escolhida, pp. 295-404. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.)

KARDEC, A. Le Livre des Esprits. Paris, Devy-Livres, s.d. (dépôt légal 1985). (O Livro dos Espíritos. Trad. Guillon Ribeiro, 64ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

1. Gostaríamos de agradecer a Márcio Corrêa Massi e Matthieu Tubino pelos comentários feitos a versões preliminares deste trabalho.
2. Nesta e demais citações de "O Livro dos Espíritos" utilizamos o texto original, aproveitando em grande parte a tradução de Guillon Ribeiro, publicada pela Federação Espírita Brasileira.
3. Sobre a ciência espírita, ver nossos artigos "O paradigma espírita" e "A excelência metodológica do Espiritismo", bem como as referências neles contidas.
4. Nesta e demais citações desse livro utilizamos o original francês, aproveitando, quando possível, a tradução brasileira indicada na lista bibliográfica.
5. Essa tensão já havia aliás sido comentada, em termos diversos, por Paulo no capítulo 7 da Epístola aos Romanos.
6. Para uma análise sucinta desse ponto ver nosso artigo "Os fundamentos da ética espírita".

Reencarnação

Gebaldo José de Sousa

"Esse corpo eu deixo à terra sem dores, ressentimentos ou saudade. Que dele se nutram outras vidas, enquanto, no azul, aguardo o momento de retornar.

Renascerei com a beleza de um filho de Deus, incorruptível como o sol: pois assim fui por Ele criado e, assim, existo na Eternidade.

Alegrem-se por mim! " (Autor desconhecido.)

Desconheço o autor do texto acima. Reencontrei-o entre papéis velhos, num dos periódicos e indispensáveis expurgos.

De onde fiz sua transcrição? Certamente de fonte sem registro; quem sabe de uma destas lembranças de "mortos" amados. De missa de sétimo dia é que não foi, pois que é especial e belamente reencarnacionista.

A par da beleza do estilo, seu autor manifesta serenidade, alegria, confiança e fé. E tem a consciência de saber-se filho muito amado por Deus.

Revela também desapego, doando o próprio corpo, para que "dele se nutram outras vidas."

Diz "renascerei" com certeza e a convicção de quem bem compreendeu a reencarnação e sua finalidade precípua: a evolução do ser imperecível, que existe pela Eternidade.

Fala do renascimento como quem, programando viagem a cidade vizinha, está consciente de que amanhã, às tantas horas, regressará.

Assimilou o conceito da reencarnação; não só compreendendo a justiça de Deus, nele implícita, ensejando a cada um receber segundo suas obras; mas também pela verdade que expressa de que, no Universo, vige a Lei do Mérito; que o Criador nos oferece oportunidades para conquistar, com os próprios esforços e pelas múltiplas experiências, a sabedoria, a paz e a plenitude.

Admite a Lei e porque a reconhece sábia, submete-se a ela com a alegria de quem está em boas mãos.

O Espírito que chegou a esse estágio de compreensão pode acelerar sua evolução, que passa a ser consciente, buscada com afincos. Educa a mente, realizando a reforma interior. Quita-se, à pouco e pouco, com o passado de erros, ao passo que evita novas quedas, pela vigilância que desenvolve em torno de seus pensamentos e atos. Sintoniza as inspirações generosas de Espíritos amigos, que o amam e o estimulam a conquistar o progresso espiritual.

Entende que a passagem por mundos materiais é fugaz; desapega-se das posses, servindo-se dos bens materiais com exata noção de suas finalidades, valorizando-os como meios e não como fins em si mesmos.

Vê a importância do Amor e busca desenvolvê-lo em seu coração; empenha-se para crescer intelectualmente. Amor e Conhecimento são asas para o amanhã radioso que o conduzirá, cedo ou tarde, à Evolução.

Identifica nas virtudes, sobretudo na humildade, meios de progredir. À custa de esforços constantes, a pouco e pouco, adquire-as. E mesmo quando as não possui, valoriza-as e admira aqueles que as conquistaram, espelhando-se neles, para cultivá-las em seu coração.

Age sem inquietação, mas aproveita todos os instantes da vida para aprender, servir e amar.

Deslumbra-se com a Natureza - expressão do Amor de Deus, de Seu desvelo para com Suas criaturas - e curva-se, reverente, diante da grandeza de

Sua obra, desenvolvendo em si o sentimento de gratidão permanente a esse Pai de Amor e Bondade.

Um desses Espíritos, Benjamin Franklin ¹, que viveu de 1706 a 1790, e foi "impressor, editor, líder cívico, cientista, inventor, estadista e diplomata norte-americano", além de ser criatura generosa, pois "recusou-se a patentear suas invenções, preferindo vê-las usadas livremente como sua contribuição ao conforto e ao bem-estar de todos".

Ressalte-se ausência do egoísmo, expressando a grandeza de sua alma, de seu caráter ilibado.

Quando, no mundo, essa conduta contagiar os corações dos homens, a felicidade será um bem comum a todas as criaturas deste planeta Terra! Não mais aqui os "heróis" das guerras, das espertezas; mas aqueles da Bondade, da Fraternidade, da Ciência, das Artes.

Seu gênio se revela em todas as atividades a que se dedicava. Dentre os múltiplos talentos que cultivou, foi também impressor. Escreveu o próprio epitáfio, no qual, manifestava sincera crença na reencarnação. No dizer de Cesare Cantu ², "ao seu túmulo destinou este epitáfio de operário".

"O corpo de Benjamin Franklin, impressor como a capa de um livro antigo cujas folhas tenham sido arrancadas, e cujo título e douração tenham sido apagados, aqui jaz presa das traças.

Nem por isso se perderá a obra que há de reaparecer, como ele previa, em nova edição revista e melhorada pelo autor."

Nos textos citados, duas belas manifestações de crença na reencarnação; convicção que é também nossa, mas que nem sempre valorizamos como devíamos. Não damos importância aos minutos. E são eles que constituem a Eternidade.

Ficam os registros, para nosso auto-exame e a reflexão que a responsabilidade e a consciência de viver na hora presente a todos nos impõe, por conhecermos as verdades da Doutrina dos Espíritos.

Referências Bibliográficas:

1. Enciclopédia Delta Universal. Vol. 7, Ed. Delta S.A. 1982, Rio de Janeiro.
2. CANTU, Cesare e outros. Biografias de Homens Célebres, vol. 4, Editora das Américas, 1954. 447 pl, p., 447, São Paulo.

Preparação de Trabalhadores para as Atividades Espíritas

Seminário promovido em São Paulo pela Comissão Regional Sul do CFN

A Comissão Regional Sul do Conselho Federativo Nacional promoveu em São Paulo (SP), nos dias 14 e 15 de fevereiro, o seminário "Preparação de Trabalhadores para as Atividades Espíritas", com o apoio da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. O seminário, ligado à Campanha de Divulgação do Espiritismo, e tendo por objetivo treinar multiplicadores no âmbito das Federativas Estaduais, será realizado também em outras Regiões.

O evento ocorreu no Instituto Espírita de Educação, contando com a infra-estrutura da USE. Entre os 164 participantes, majoritariamente do Estado de São Paulo, compareceram Presidentes e representantes das Federativas que compõem a Região, como Antonio Cesar Perri de Carvalho, da USE-SP, Napoleão de Araújo, da Federação Espírita do Paraná, Nilton Stamm de Andrade, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, e Emil Dario Framback, da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, além dos Vice-Presidentes da FEB, Nestor João Masotti e Altivo Ferreira, e Valter Borges de Oliveira, Secretário da Comissão Regional Sul do CFN.

No programa, foram abordados os temas: 1) Fatos significativos do Movimento Espírita do Brasil e seu Trabalho de Unificação; Observações de Allan Kardec e dos Espíritos Superiores sobre a Doutrina e o Movimento Espírita - Nestor João Masotti, que coordenou o seminário; 2) Campanha de Divulgação do Espiritismo - Aylton Guido Coimbra Paiva; 3) Organização e Ação do Movimento Espírita; os Trabalhadores Espíritas; O Conselho Espírita Internacional - Antonio Cesar Perri de Carvalho; 4) Como conseguir maior eficácia na Comunicação Espírita - Alkíndar de Oliveira. No final, ocorreu uma mesa-redonda, integrada pelos quatro expositores e os representantes das Federativas visitantes. O trabalho baseou-se em texto apostilado de 83 páginas, elaborado pela Coordenadoria das Comissões Regionais e duplicado pela USE, o qual servirá de material de uso dos participantes em suas atividades multiplicadoras.

FEB - USE: Parceria na Bienal do Livro

A **Federação Espírita Brasileira**, em parceria com a **USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo**, estará participando da 15ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, a realizar-se de 29 de abril a 10 de maio deste ano, no Expo Center Norte, na Capital paulista.

A Bienal Internacional do Livro de São Paulo, organizada pela Câmara Brasileira do Livro, é a maior feira de livros da América Latina e, a terceira do Mundo.

O stand do conjunto FEB-USE disporá de 50m² no Pavilhão Vermelho do Expo Center Norte e colocará à venda os principais títulos da literatura espírita.

Haverá diariamente autores espíritas autografando livros e realizando lançamentos de novas obras.

A Bienal do Livro abrirá as portas exclusivamente para profissionais da indústria do livro e professores de todos os níveis de ensino nos dias 29 e 30 de abril e, para o público em geral, de 1º a 10 de maio.

- II -

Exame das Comunicações Mediúnicas que Nos Enviam

Em face da grande quantidade de produções mediúnicas - de discutível valor doutrinário - que atualmente são divulgadas em livros ou mensagens avulsas, transcrevemos, por sua oportunidade, o comentário de ALLAN KARDEC, sob o título acima, publicado na Revista Espírita (Ano de 1863, tradução de Julio Abreu Filho, págs. 153-156, EDICEL, São Paulo, 1965).

"Muitas comunicações nos foram enviadas por diferentes grupos, já pedindo conselho e julgamento de suas tendências, já, como umas poucas, na esperança de publicação na Revista. Todas nos foram mandadas com a faculdade de dispor das mesmas como melhor entendêssemos para o bem da causa. Fizemos o seu exame e classificação, e não fiquem admirados da impossibilidade de publicá-las todas, quando souberem que além das já publicadas, há mais de três mil e seiscentas que, por si sós, teriam absorvido cinco anos completos da Revista, sem contar um certo número de manuscritos mais ou menos volumosos dos quais falaremos adiante. A súmula deste exame nos fornecerá tema para algumas reflexões, que cada uma poderá aproveitar.

Em grande número encontramos-las notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos que as assinam. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Circunstância digna de nota é que a quase totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados e não de grupos. Só a fascinação poderia levá-los a ser tomados a sério, e impedir se visse o lado ridículo. Como se sabe, o isolamento favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram controle na pluralidade de opiniões.

Reconhecemos, contudo, com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria. A maioria das outras encerra bons pensamentos e excelentes conselhos, mas não se segue daí que todas sejam boas para publicação, pelos motivos que vamos expor.

Os bons Espíritos ensinam mais ou menos a mesma coisa por toda a parte, porque em toda a parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar. Eis um dos caracteres, distintivos do Espiritismo; geralmente a diferença está apenas na maior ou menor correção e elegância de estilo. Para apreciar as comunicações, relativamente à publicidade, não podem ser vistas de seu ponto de vista, mas do público. Compreendemos a satisfação que se experimenta ao obter algo de bom, sobretudo quando se começa: mas além de que certas pessoas podem ter ilusões relativamente ao mérito intrínseco, não se pensa que há centenas de outros lugares onde se obtêm coisas semelhantes; e o que é de poderoso interesse individual pode ser banalidade para a massa.

Além disso, é preciso considerar que, de algum tempo para cá, as comunicações adquiriram, sob todos os respeitos, proporções e qualidades que deixam muito para trás as que eram obtidas há alguns anos. Aquilo que então era admirado, parece pálido e mesquinho junto ao que se obtém hoje. Na maioria dos centros realmente sérios, o ensino dos Espíritos cresceu com a compreensão do Espiritismo. Desde que por toda a parte são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades destacadas como forma e como

alcance instrutivo. Seria, pois, ilusão crer que toda mensagem deve encontrar leitores numerosos e entusiastas. Outrora, a menor conversa espírita era novidade e atraía a atenção; hoje, que os Espíritas e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal e habitual, e que foi distanciado pela amplidão e pelo alcance das comunicações atuais, assim como os deveres escolares o são pelo trabalho do adulto.

Temos à vista a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações, sob o título de "La Table Parlante", característico da época. Diz-se que o jornal tinha de 1.500 a 1.800 assinantes, cifra enorme para o tempo. Continha uma porção de pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos que, então, tinham o enorme atrativo da curiosidade. Aí procuramos inutilmente algo para reproduzir em nossa Revista. Tudo quanto tivéssemos escolhido hoje seria pueril, sem interesse. Se o Jornal não tivesse desaparecido, por circunstâncias que não vêm ao caso, só poderia ter vivido com a condição de acompanhar o progresso da ciência e, se reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinqüenta assinantes. Os Espíritas são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas são mais esclarecidos e querem ensinamentos mais substanciais.

Se as comunicações emanassem de um centro único, sem dúvida os leitores multiplicar-se-iam em razão do número de adeptos. Mas não se deve perder de vista que os focos que as produzem se contam por milhares e que por toda a parte onde são obtidas coisas superiores não pode haver interesse pelo que é fraco e medíocre.

O que dizemos não é para desencorajar de fazer publicações. Longe disso. Mas para mostrar a necessidade de escolha rigorosa, condição *sine qua non* do sucesso. Elevando os seus ensinamentos, os Espíritos se nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. As publicações locais podem ter uma imensa utilidade, sob um duplo aspecto, o de espalhar nas massas o ensino dado na intimidade, depois o de mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos. Aplaudiremos isto sempre e as encorajaremos sempre que forem feitas em boas condições.

Para começar convém delas afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne. Depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas idéias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal; mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é inclinado a supor que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; tudo está em enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em alimentar essa ilusão em certos médiuns. Por isso nunca seria demais recomendar a estes não confiar em seu próprio julgamento. É nisto que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que podem ser colhidas. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais esclarecido que todos, provaria superabundante a má influência sob a qual se acha.

Aplicando estes princípios de ecletismo às comunicações que nos enviaram, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de uma moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número não há 300 para publicidade, e apenas cem de um mérito incontestado. Essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes. Inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se se quiser atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos mandaram, entre os quais, sobre trinta, encontramos cinco ou seis de real valor. No mundo invisível como na terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas incapaz de um trabalho de conjunto completo, que suporte um exame, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se proteja como garantia. Quanto mais alto o nome, mais obriga. Ora, é mais fácil tomar um nome que justificá-lo. Eis por que, ao lado de alguns bons pensamentos, encontram-se, por vezes, idéias excêntricas e os traços menos equívocos da mais profunda ignorância. É nestas espécies de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais freqüentes é a injunção da parte do Espírito de os fazer imprimir. E alguns pensam erradamente que tal recomendação basta para encontrar um editor interessado no negócio.

É em semelhante caso que um exame escrupuloso se torna necessário, se não nos quisermos expor a aprender às nossas custas. É ainda, o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudo-sábios, que se retiram forçados quando não encontram instrumentos dóceis a quem façam aceitar suas palavras como artigos de fé. A imissão desses Espíritos nas comunicações é - fato conhecido - o maior escolho do Espiritismo. Todas as precauções são poucas para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso da prudência, no interesse da causa.

Em resumo, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade. Umas há cuja publicação é intempestiva e, por isso, prejudicial. Cada coisa deve vir a seu tempo. Várias delas que nos são dirigidas estão neste caso e, posto que muito boas, devem ser adiadas. Quanto às outras, acharão seu lugar conforme as circunstâncias e o seu objetivo."

ALLAN KARDEC

- II -

FEB - CFN - COMISSÕES REGIONAIS

Calendário das Reuniões ordinárias de 1998

1. COMISSÃO REGIONAL NORDESTE

1.1 - Cidade-sede: Aracaju (SE).

1.2 - Período: 17 a 19 de abril.

1.3 - Tema: "Planejamento Estratégico - Adequação das Federativas e dos Centros Espíritas com vistas ao Terceiro Milênio".

2. COMISSÃO REGIONAL SUL

2.1 - Cidade-sede: Porto Alegre (RS).

2.2 - Período: 1 a 3 de maio.

2.3 - Tema: "Preparação de trabalhadores espíritas para as tarefas de Unificação".

3. COMISSÃO REGIONAL NORTE

3.1 - Cidade-sede: Manaus (AM).

3.2 - Período: 5 a 7 de junho.

3.3 - Tema "Avaliação e dinamização do trabalho de Unificação - conscientização e prática".

4. COMISSÃO REGIONAL CENTRO

4.1 - Cidade-sede: Cuiabá (MT).

4.2 - Período: 26 a 28 de junho.

4.3 - Tema: "Preparação de trabalhadores para as atividades espíritas".

5. ÁREAS ESPECÍFICAS

Concomitantemente com as Reuniões Ordinárias das Comissões Regionais serão realizadas, com temas próprios já escolhidos em 1997, as reuniões das áreas de: Comunicação Social Espírita. Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Infância e Juventude, e Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, devendo iniciar-se a Área de Atividade Mediúnica.

- II -

FEB - Departamento de Infância e Juventude

Currículo Para a Escola de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil

- IV -

5 - METODOLOGIA

Em suas linhas gerais, o método foi definido no capítulo que trata do processo ensino-aprendizagem.

Com efeito, inspirado na metodologia de Jesus, o processo ensino-aprendizagem visto neste Currículo sugere que os ensinamentos (transmissão e apropriação do conhecimento) partam das situações da vida cotidiana, das experiências mais imediatas do educando, para depois estabelecer as generalizações. Parte do simples para o complexo e se amolda às experiências sócio-culturais e espirituais do evangelizando.

Partindo-se da realidade externa - a sócio-cultural - que envolve o educando, procura-se atingir a sua dimensão espiritual, promovendo-se, com os recursos de que se dispõe, a sua evangelização. Guardadas as diferenças, segue o Evangelizador as pegadas de Jesus, valendo-se das situações concretas da vida dos evangelizando para chegar às culminâncias da sabedoria espiritual que as Suas lições encerram.

Do mesmo modo, recomenda o presente Currículo que se tenha como orientação o método adotado por Allan Kardec que, entre outros procedimentos didáticos, consegue, por meio de perguntas e respostas, estabelecer as bases da Codificação Espírita, obtendo, pela organização e sabedoria das perguntas, a excelência das respostas.

O método adotado deve, ainda, considerar o raciocínio e a reflexão, permitindo ao evangelizando elaborar as próprias conclusões, incorporando-as definitivamente ao seu patrimônio pessoal.

Em razão disso, sugere-se uma metodologia que propicie a participação ativa dos evangelizando por meio de: problematização, debate, exposição interativo-dialogada, pesquisa, experimentação, trabalho em grupo, dramatização, construção de modelos, estudo do meio, seminário, apresentação de aulas pelos alunos, artes cênicas (música, teatro e suas modalidades), artes plásticas (desenho, pintura, modelagem, etc.), e outros procedimentos que estejam de acordo com essa mesma orientação metodológica.

6 - PLANO CURRICULAR

a) Caracterização: sendo o currículo definido como um "conjunto de experiências vividas pelo aluno" sua organização envolve:

- Núcleo central (conteúdos doutrinários) a ser desenvolvido mediante atividades didáticas, atividades de expressão artística, recreativas e de auto-conhecimento, que permitam ao evangelizando viver de acordo com os princípios da Doutrina Espírita.

- Parte complementar, caracterizada por práticas educativas que favoreçam a integração do evangelizando na Casa Espírita e enriqueçam a sua vivência da Doutrina, tais como: atividades de assistência social, administrativas, campanhas educativas, etc.

b) Estrutura Pedagógica da Escola de Evangelização Espírita Infante-Juvenil

INTEGRAÇÃO VERTICAL - COMPLEXIDADE CRESCENTE DOS CONTEÚDOS

JUVENTUDE -	3º Ciclo	18 a 21 anos
JUVENTUDE -	2º Ciclo	15 a 17 anos
JUVENTUDE -	1º Ciclo	13 a 14 anos
INFÂNCIA -	3º Ciclo	11 a 12 anos
INFÂNCIA -	2º Ciclo	09 a 10 anos
INFÂNCIA -	1º Ciclo	07 a 08 anos
JARDIM		05 a 06 anos
MATERNAL		03 a 04 anos

INTEGRAÇÃO HORIZONTAL - ORDENAÇÃO SEQÜENCIAL DOS CONTEÚDOS

c) Conteúdo programático

Considerando que a proposta da Evangelização Espírita é oferecer ao evangelizando o conhecimento e a prática da Doutrina Espírita, fundamentada na filosofia do Cristo, o conteúdo programático será desenvolvido em quatro módulos, contendo unidades e subunidades:

Módulo I - O Espiritismo

- * I Unidade: A criação Divina
- * II Unidade: A ligação do Homem com Deus
- * III Unidade: Bases do Espiritismo

Módulo II - O Cristianismo

- * I Unidade: Antecedentes Históricos
- * II Unidade: Jesus e sua Doutrina
- * III Unidade: Jesus e Kardec

Módulo III - Conduta Espírita: Vivência Evangélica

- * I Unidade: O Auto-aperfeiçoamento
- * II Unidade: Relações Familiares
- * III Unidade: Relações Sociais
- * IV Unidade: Relações do Homem com a Natureza

Módulo IV - Movimento Espírita

- * I Unidade: Espiritismo e Movimento Espírita
- * II Unidade: A Organização do Movimento Espírita

Os módulos I, O Espiritismo, e II, O Cristianismo, permitem conhecer os fundamentos da Doutrina Espírita e da Doutrina do Cristo, correlacionando-os entre si e dando oportunidade ao evangelizando, com o apoio do módulo III, Conduta Espírita, da sua vivência e aplicação.

O módulo IV, Movimento Espírita, dá uma visão da vasta seara, além de outras, nas quais o evangelizando realizará a prática da convivência fraterna com seus semelhantes e a da cooperação nas atividades coletivas de socorro, de estudo, de trabalho, de divulgação, enfim, da construção de um mundo melhor pelo esforço conjunto.

7- AVALIAÇÃO

"Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever (...).

Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa." (...) (Ref. 21. Parte 3ª. Cap. XIII, Perg. 919, p. 424)

Avaliar é uma atitude própria do ser humano diante das ações intencionais que promove. Entretanto, avaliar não é aprovar, desaprovar ou simplesmente medir conhecimentos.

É, sobretudo, estar atento, no caso específico da Evangelização Infanto-Juvenil, aos resultados, isto é, às mudanças de comportamento, observáveis, ao longo do processo ensino-aprendizagem, por meio de:

1. Coleta de dados sobre comportamento cognitivo, afetivo e social, registrando os aspectos relacionados à frequência e à participação do evangelizando, e sobre aquisição de conhecimentos e mudanças de comportamento (observáveis).

2. Análise dos dados levantados.

3. Comparação desses dados com os objetivos estabelecidos.

Desse estudo comparativo, pode-se inferir se os resultados esperados foram alcançados, total ou parcialmente, e concluir que medidas deverão ser tomadas para que o processo ensino-aprendizagem, efetivamente, favoreça a consecução dos objetivos da tarefa evangelizadora.

É oportuno salientar que, na coleta de dados sobre o comportamento (cognitivo, afetivo e social), devem figurar todos os envolvidos no processo educativo: evangelizador, evangelizando, família e meio social.

Em se tratando de Evangelização do Homem, é fácil deduzir-se que os recursos acima apontados se referem a comportamentos, que podem ser identificados por todos os integrantes do processo do aprendizado específico da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus -, porquanto as transformações internas, as grandes revoluções nos modos de sentir, de pensar e de agir constituem tarefa individual e dizem respeito à auto-avaliação de cada indivíduo, a caminho da evolução plena.

Observação:

Encerramos aqui a divulgação da parte conceitual do Currículo. Deixamos de publicar o detalhamento do conteúdo programático, que faz parte de um segundo bloco e vem a constituir o Currículo completo, uma vez que a Apostila estará à disposição dos interessados em breve tempo.

***REFORMADOR* no Centro Espírita**

A FEB faz mensalmente, remessa gratuita de *REFORMADOR* aos Centros Espíritas de todo o Brasil, quer estejam ou não ligados às respectivas Entidades Federativas estaduais, com base no cadastro que possui.

Para que essa oferta atinja seus objetivos de divulgação da Doutrina e do Movimento Espírita, solicitamos aos dirigentes dos Centros Espíritas que façam campanha de assinatura de *REFORMADOR* junto aos seus freqüentadores.

- // -

A FEB e o Esperanto

Centenário de um Movimento Esperantista

Affonso Soares

Embora não se tenha obtido uma taxativa confirmação, foi provavelmente em 1898 que o Dr. Zamenhof concebeu o famoso trabalho *Esenco kaj Estonteco de la Ideo de Lingvo Internacia* (Essência e Futuro da Idéia de Língua Internacional), o qual foi dado a público, pela primeira vez, em Paris, no ano de 1900, por ocasião de um congresso da *Association Française pour l'Avancement des Sciences*. O texto foi lido pelo pioneiro esperantista francês, Louis de Beaufront, tendo Zamenhof usado o pseudônimo Unuel. *

Trata-se de um monolítico, sempre atual, conjunto de argumentos em torno da necessidade, possibilidade e utilidade de uma língua internacional, bem como sobre o fato de que para esse desempenho o Esperanto - e só o Esperanto - possui todas as condições.

Como homenagem ao gênio que a concebeu, apresentamos a seguir um resumo do texto, de cuja íntegra o leitor poderá se inteirar pela leitura da obra "Esperanto", bilíngüe (Esperanto-Português), organizada por Ismael Gomes Braga e editada pela FEB.

- I -

As idéias que devem impulsionar a Humanidade a novos progressos geralmente são recebidas pelos contemporâneos com desconfiança e hostilidade, e seus arautos e realizadores tidos como loucos, visionários, ridicularizados e perseguidos pelos chamados "homens práticos". A História, porém, tem evidenciado que, cedo ou tarde elas se implantam e os pósteros não compreendem como é que se pôde viver sem elas.

A essa classe pertence a idéia de uma língua comum, planejada, para a comunicação entre os povos. E os que hoje a desprezam, cobrindo-a com ridículas críticas pseudocientíficas, serão amanhã tidos como retrógrados que não enxergavam um palmo adiante do próprio nariz.

A experiência, portanto, e a argumentação lógica demonstram que uma língua internacional é necessária, que ela, em princípio, é possível, que há esperança de que seja introduzida na prática, que ela será uma língua neutra, planejada (ainda erroneamente chamada "artificial") e que os esforços por atingir esse objetivo não serão absolutamente em vão.

- II -

A necessidade de uma língua neutra internacional se impõe como verdade indiscutível à enorme maioria das pessoas inteligentes, mas alguns grupos ainda se recusam a admiti-lo, opondo os seguintes argumentos: uma língua internacional destruiria as nações e as línguas nacionais; ela seria escolhida entre as línguas nacionais, o que daria supremacia ao povo que a possui.

O objetivo de uma língua internacional é servir de ponte para a comunicação entre os que falam línguas diferentes. Ela não aspira a se tornar língua mundial, mas tão-somente língua internacional. O seu uso, muito pelo contrário, fortalecerá as línguas nacionais, porque devolverá a todos o tempo

que obrigatoriamente deveriam consumir no estudo de outras línguas em prejuízo de suas respectivas línguas maternas.

Os sentimentos de justiça e igualdade que, com força crescente, vão regendo as relações entre os povos não permitirão que se escolha uma língua nacional para a função de língua internacional da Humanidade.

A adoção de uma língua internacional neutra dará ensejo a uma maior divulgação da cultura em geral, pois toda a produção literária, científica, religiosa poderá ser traduzida para essa língua, ou nela concebida originalmente, bem como tornará os encontros internacionais efetivamente acessíveis a todos os que neles participem.

- III -

A possibilidade de que exista uma língua internacional acessível a todos é demonstrada pelo simples fato de que todos podem falar qualquer língua, independentemente da fisiologia do aparelho fonador, de clima, hereditariedade, raça, etc. As dificuldades que se experimentam no aprendizado de qualquer língua dependem menos das suas particularidades do que de fatores outros tais como falta de tempo, de interesse, de bons professores, de recursos materiais, etc. Sabendo-se que, para se comunicar com o mundo, basta aprender uma única língua, então em toda parte haveria bons professores, escolas especiais, todos a aprenderiam com fervor, além de que nos lares as crianças seriam acostumadas ao seu uso paralelamente com a língua materna.

- IV -

A simples constatação de que uma língua internacional é necessária e possível leva à natural conclusão de que, cedo ou tarde ela será introduzida na vida dos povos, pois afirmar o contrário seria negar inteligência à Humanidade. Tão logo se acentue o interesse dos povos para esse alvo, haverá empenho geral em atingi-lo. E atualmente, pela intensidade com que se impõem as exigências da comunicação, não há dúvida de que, em mais ou menos tempo, o problema será resolvido.

- V -

Como a lógica nos ajuda a prever, com exatidão, que tipo de língua desempenhará a função de língua internacional, então não há necessidade de se esperar, para implantá-la, por decisões de governos, mormente quando se sabe com que enorme morosidade são tomadas as decisões nessas esferas. Já com perfeita noção de caráter dessa que será a língua internacional, bastará apenas que cada sociedade, cada indivíduo trabalhe por sua divulgação. O número de adeptos crescerá constantemente, sua literatura se enriquecerá, seus falantes poderão logo usá-la em congressos internacionais, a língua se fortalecerá a tal ponto no mundo inteiro que aos governos apenas restará a sanção de um fato consumado. É fácil provar que a língua internacional da Humanidade não poderá ser uma língua nacional, nem uma das chamadas línguas mortas. Ela será, sem qualquer dúvida, ou uma das línguas planejadas existentes, ou uma que venha a ser elaborada no futuro, pois só essa espécie de língua reúne todas as condições para o desempenho de língua internacional, a saber, extrema facilidade de aprendizado para qualquer povo graças à extrema simplicidade de sua gramática, ausência absoluta de irregularidades, clareza, riqueza, bem como absoluta neutralidade, pois diferentemente das línguas nacionais e das línguas mortas, não pertencerá a nenhuma nação, partido, religião ou outro qualquer grupo.

- VI -

Como candidata à função de língua internacional da Humanidade só existe uma, sem concorrentes: o Esperanto, que reúne efetivamente as qualidades acima mencionadas. Qualquer outra decisão em sentido contrário permaneceria letra morta. Quem quer que empreendesse a criação de uma outra língua chegaria, na melhor das hipóteses, aos mesmos resultados do Esperanto, e teria efetivamente perdido seu tempo, pois não há nem pode haver outra língua planejada que reúna todas as suas qualidades, a saber, extraordinária facilidade, precisão, riqueza, naturalidade, vitalidade, flexibilidade, sonoridade, etc.

Pelo exposto fica, portanto, demonstrado que a introdução de uma língua internacional trará grande benefício à Humanidade, é totalmente possível e se realizará cedo ou tarde, apesar de toda oposição dos rotineiros. Ela será uma língua planejada e não poderá ser outra senão o Esperanto, em sua forma atual, ou com algumas alterações.

* O pseudônimo revela a grande humildade do Dr. Zamenhof. *Unuel* é composto pelas palavras *unu* (um) e *el* (dentre). Zamenhof não gostava do título de mestre, não se sentia bem na posição de destaque que os esperantistas sempre lhe reservavam. Sempre frisava que era apenas UM DENTRE (unu el) os demais esperantistas...

- II -

Novos Cursos de Esperanto na FEB - Rio de Janeiro

Iniciaram-se novos cursos da Língua Internacional Neutra na FEB - Sede Seccional do Rio de Janeiro, Av. Passos nº 30 -, a partir da primeira semana do mês de março.

Ainda são acolhidas as inscrições, inteiramente gratuitas, para as seguintes atividades:

- **Curso Elementar:** Às quintas-feiras, das 17h às 19h;
- **Curso de Aperfeiçoamento:** Às sextas-feiras, no mesmo horário acima;
- **Estudos Doutrinários em Esperanto:** Às segundas-feiras, das 15h às 16h30.

- II -

FEB Moderniza Parque Gráfico

A **Federação Espírita Brasileira** adquiriu a mais moderna impressora Heidelberg - a Speedmaster SM742PH -, com dois grupos impressores, que possibilitam impressão frente e verso ao mesmo tempo, com a mais alta tecnologia em cores.

Sua produção atinge 15.000 folhas/hora. Possui controles computadorizados, o que permite colocação e substituição de chapas automaticamente, lavagem rápida dos tinteiros, resultando em aumento considerável, aproximadamente de 70%, da produtividade operacional.

Possibilita uma perfeita impressão de seus livros e de **REFORMADOR**, este, agora, com sua capa em papel couchê e, brevemente, com as páginas em cores.

O equipamento já se encontra funcionando no Departamento Editorial e Gráfico da **FEB**, no Rio de Janeiro.

- II -

Seara Espírita

PERNAMBUCO: ENCONTRO SOBRE O PASSE

A Federação Espírita Pernambucana realizou em sua sede, na Capital, nos dias 7 e 8 de fevereiro, o I Encontro Estadual sobre o Passe, com o objetivo de ensejar uma abordagem ampla sobre o assunto, uma vez que o passe é uma atividade importante da Casa Espírita. O expositor foi o confrade Luiz Gurgel, autor do livro "O Passe Espírita", editado pela Federação Espírita Brasileira.

- II -

ACRE: ENCONTRO DE JUVENTUDE ESPÍRITA

Com a participação de todos os grupos de juventude espírita do Estado, a Federação Espírita do Estado do Acre promoveu o I Encontro de Juventude Espírita, no período de 20 a 24 de fevereiro, em que foram abordados temas de interesse para os jovens.

- II -

PROJETO VEK: ESPIRITISMO POR CORRESPONDÊNCIA

O Projeto VEK, coordenado pelo confrade Alexandre Diógenes, de Fortaleza (CE) distribui um curso baseado em "O Livro dos Espíritos", com apostilas e exercícios elaborados inicialmente em português, mas que, ganhando dimensão internacional, é agora oferecido também nos idiomas espanhol, inglês e Esperanto. O nome Vek foi inspirado pela palavra "veki" que em Esperanto significa despertar. Os interessados devem escrever para Projeto VEK - Caixa Postal 52800, CEP 60151-970, Fortaleza (CE), ou então via Internet: <http://www.roadnet.com.br/projeto-vek>.

- II -

ESPANHA: 5º CONGRESSO ESPÍRITA

Promovido pela Federação Espírita Espanhola e organizado pelo Centro de Estudo Espírita Allan Kardec, realizou-se na cidade de Málaga o 5º Congresso Nacional Espanhol, no salão de convenções do Hotel Cervantes em Torremolinos, de 6 a 8 de dezembro de 1997. Participaram do evento o Presidente da FEE, Santiago Gene Mateo, o 1º Secretário do Conselho Espírita Internacional, Vitor Mora Féria, de Portugal, e os expositores brasileiros Divaldo Pereira Franco, Rogério Coelho, Mário César, Miguel de Jesus Sardano e Carlos A. Iglésia.

- II -

GUARULHOS (SP): RÁDIO BOA NOVA

A Fundação Espírita André Luiz mantém a Rádio Boa Nova (AM 1450), cuja programação está voltada para a divulgação da Doutrina Espírita, destacando-se "Diálogos Espíritas", programa de debates e entrevistas, dirigido por Éder Fávaro, com análise e comentários sobre fatos à luz do conhecimento espírita.

- II -

1º ENCONTRO DE ESPERANTO DO SUDESTE

Promovido pela Liga Brasileira de Esperanto e coordenado pela Associação Esperantista do Rio de Janeiro, será realizado de 30 de abril a 3 de maio, no CIEP Tancredo Neves (Rua do Catete, 77 - Rio de Janeiro), o 1º Encontro de Esperanto do Sudeste, que reunirá esperantistas dos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, tendo como tema central "O Esperanto em face do Desafio da Globalização". Adesões e informações na sede da Associação Esperantista do Rio de Janeiro, na Rua Senador Dantas 117, sala 1341, CEP 20034-201 - Tel.: (021) 240-6119.

- II -

ARGENTINA: 99 ANOS DE ATIVIDADE ESPÍRITA

Fundada em 3 de fevereiro de 1899, a "Asociación Providencia de Cultura Cristiana", de Buenos Aires, comemorou seu 99º aniversário. A Instituição realiza reuniões públicas e privadas de estudo, difusão e prática do Espiritismo, mantém setor de assistência social e edita a revista Cristianismo. (SEI.)

- II -

SÃO PAULO: ENCONTRO SOBRE PORTADORES DE DEFICIÊNCIAS

Promovido pela Instituição Beneficente "Nosso Lar", será realizado em sua sede (Praça Florence Nightingale nº 56 - São Paulo), nos dias 1º a 10 de julho próximo, o Terceiro Encontro sobre Portadores de Deficiências na Visão Espírita. Os interessados poderão comunicar-se com a Instituição através do telefone (011) 272-5266 ou do telefax 6163-8681.

- II -

ENCONTRO ESPÍRITA PERU-BOLÍVIA

O Centro Espírita "Allan Kardec", de Arequipa, Peru, promoveu nos dias 14 e 15 de fevereiro o Primeiro Encontro Espírita Peru-Bolívia, com o tema central "A Mediunidade - Teoria e Prática no Centro Espírita", desdobrado em dois subtemas: "Mediunidade, Médiuns, Obsessão e Passes" e "A Sessão Mediúnica no Centro Espírita". Participaram como expositores Reynaldo Leite (Brasil), Ernesto H. (Bolívia) e, do Peru, Edgardo Carbajal e Luis H. U. Rivas.

- II -

SÃO PAULO: USE LANÇA ANAIS DO 10º CONGRESSO

Noticiamos em Seara Espírita, na edição de fevereiro, que a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo lançou os Anais do 10º Congresso Estadual de Espiritismo. Por um lapso de revisão foi registrado 1º Congresso em lugar de 10º Congresso.

- II -